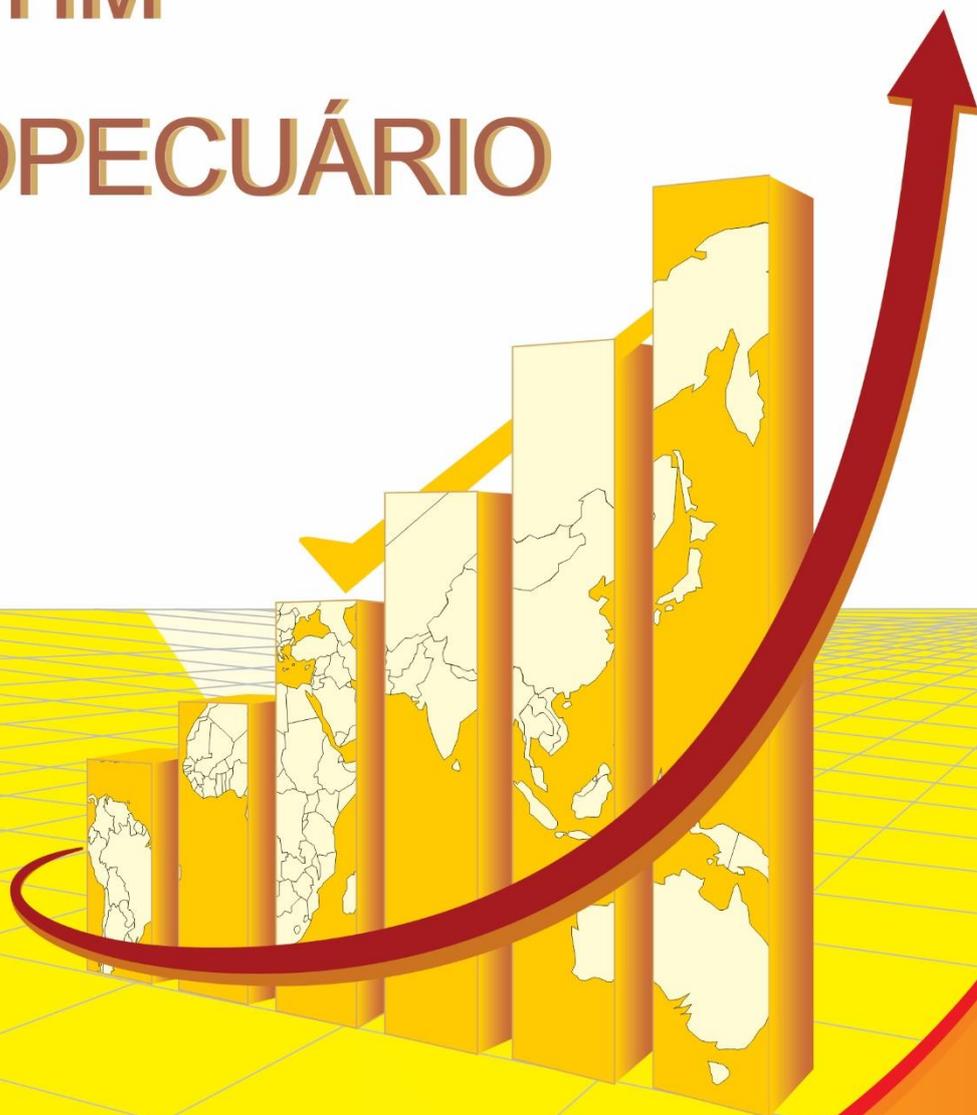


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Altair Silva

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 347

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Rogerio Goulart Junior

Tabajara Marcondes



Florianópolis
2021

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior/Marcia Mondardo

Colaboração:

Bruna Parente Porto
Carlos Koji Kato
Claudio Luis da Silveira
Cleverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Evandro Uberdan Anater
Getúlio Tadeu Tonet
Gilberto Luiz Curti
Nilsa Luzzi
Orlando Fuchs
Sidaura Lessa Graciosa

Edição: novembro de 2021 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário.** Novembro/2021.
Florianópolis, 2021, 55p. (Epagri. Documentos, 347).
Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019
passou a integrar a série Documentos com numeração própria.
Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura	7
Banana	7
Maçã	11
Grãos	14
Arroz	14
Feijão	17
Milho.....	19
Soja	24
Trigo.....	29
Hortaliças	32
Alho.....	32
Cebola	35
Pecuária	38
Avicultura.....	38
Bovinocultura	43
Suinocultura.....	47
Leite	53

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

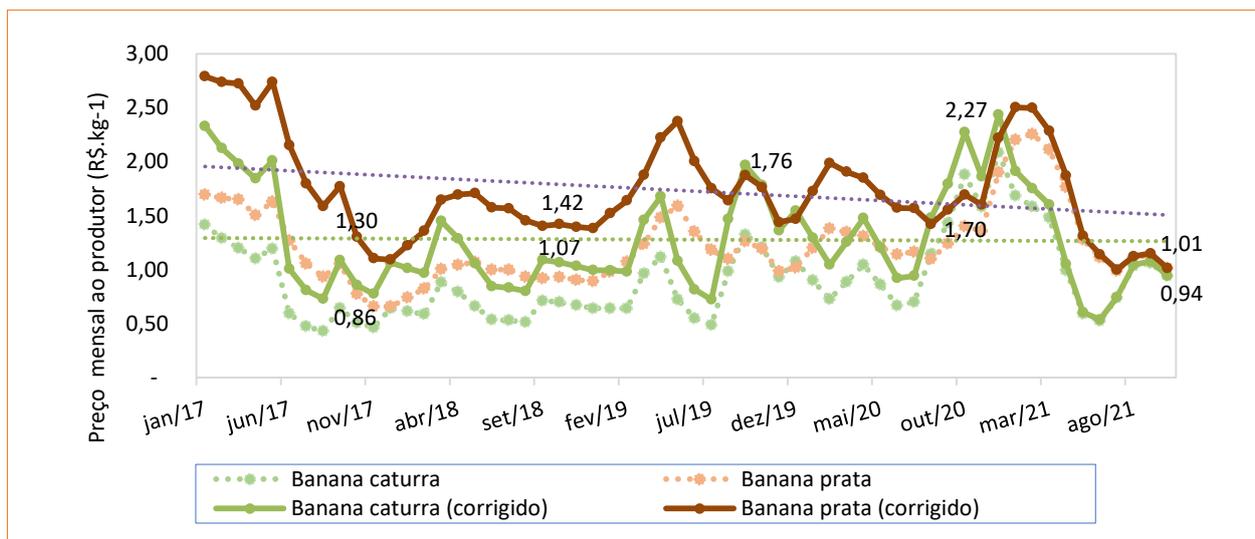


Figura 1. Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal ao produtor

Fonte: Epagri/Cepa, 2021.

Nota: preço nominal e corrigido (IGP-DI/FGV – out/21=100).

Entre setembro e outubro de 2021 houve desvalorização de 12,4% nas cotações da banana-caturra, com expectativa de manutenção dos preços. O preço de outubro de 2021 está desvalorizado 58,5% em relação ao mesmo mês do ano anterior e 20,9% ao do ano de 2019. Entre julho e outubro houve valorização de 26,8% nas cotações, com recuperação do padrão de 2018, após 2019 e 2020 com valorização de mais de 140%, no mesmo período, devido à redução na oferta ocasionada pelo ciclone extratropical ocorrido em julho de 2020, principalmente. A expectativa é a manutenção nos preços com melhor qualidade das frutas nos próximos meses.

Para a banana-prata, entre os meses de setembro e outubro de 2021 houve desvalorização de 12,1% nas cotações da fruta, com expectativa de manutenção dos preços. O valor mensal de outubro de 2021 está desvalorizado 40,3% em relação ao mesmo mês do ano anterior e 43,2% ao do ano de 2019. A estratégia é intensificar os tratos culturais para recuperar a qualidade das frutas nos bananais.

Tabela 1. Banana – Santa Catarina: preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹) nas principais praças

Praça	Mês				Var. (%) Out./Set. 21
	Jul. 21	Ago. 21	Set. 21	Out. 21	
Jaraguá do Sul					
Caturra	0,86	1,05	1,02	0,94	-7,8
Prata	0,99	0,95	1,01	0,95	-5,9
Sul Catarinense					
Caturra	0,55	0,92	1,00	0,95	-5,0
Prata	0,89	1,17	1,14	1,08	-5,3

Nota: Valores em R\$/cx. 20 a 22 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, out. de 2021.

No Norte Catarinense, em agosto as geadas e o frio prejudicaram as lavouras de banana, com queima de folhas nos bananais, afetando a qualidade da fruta com redução do calibre e presença de *chilling*. Entre agosto e setembro as temperaturas mais baixas reduziram o desenvolvimento dos cachos com diminuição na oferta da fruta o que valorizou as cotações em relação ao mês de julho. Em outubro houve chuva volumosa e contínua em toda a região. O preço se desvalorizou com a menor qualidade das frutas do final do ciclo de inverno. Mas, houve recuperação das áreas em produção afetadas no ano anterior, o que em parte, aumentou a oferta da fruta na região e refletiu nas cotações. A expectativa é que haja aumento na produção seguido de valorização nos preços com aumento da demanda sazonal no final do ano.

No Sul Catarinense, entre agosto e setembro o aumento relativo da demanda com baixa oferta valorizaram os preços que estavam reduzidos em julho. Em outubro, o aumento na produção e a qualidade comprometida com o aumento da umidade desvalorizou as cotações da fruta. A expectativa dos produtores está na valorização das cotações com a melhoria da qualidade decorrente do aumento na temperatura da região e do clima mais seco nos próximos meses.

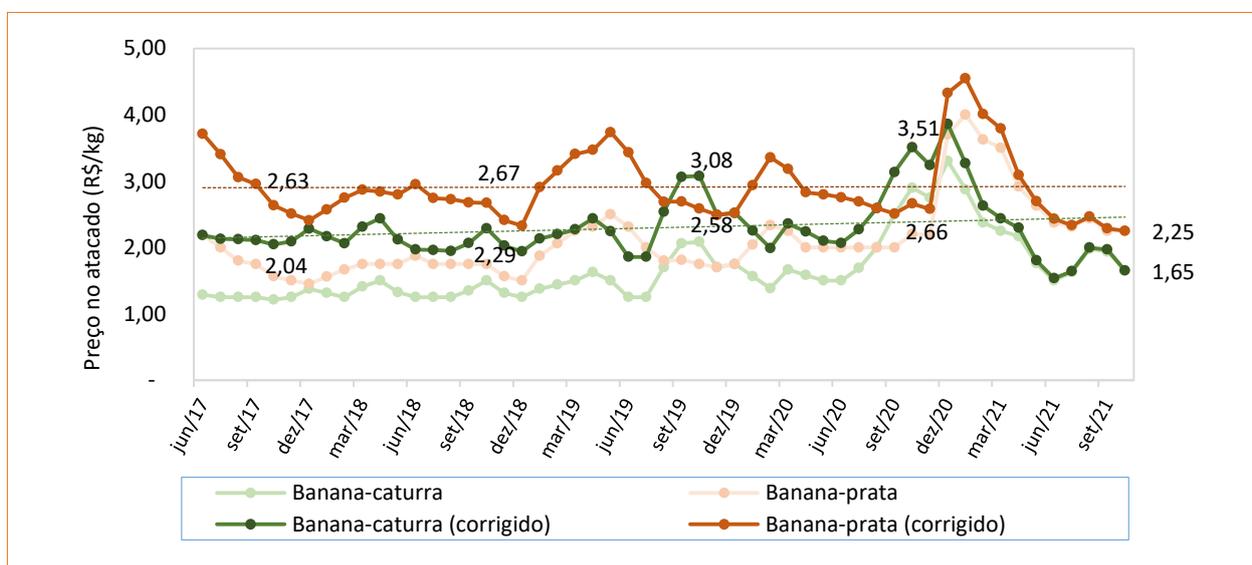


Figura 2. Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal no atacado da Ceasa/SC

Fonte: Epagri/Cepa, 2021.

Nota: preço nominal e corrigido (IGP-DI/FGV – out/21=100).

Tabela 2. Banana – Santa Catarina: preço médio nominal no atacado (R\$.kg⁻¹) na Ceasa/SC

Praça	Mês				Var. (%) Out./Set. 21
	Jul. 21	Ago. 21	Set. 21	Out. 21	
Florianópolis (Ceasa)					
Caturra	1,63	1,98	1,94	1,65	-14,8
Prata	2,31	2,44	2,26	2,25	-0,4

Nota: Valores nominais em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa, out./2021.

As cotações no mercado atacadista catarinense, refletem a desvalorização devido a concorrência de bananas de outras regiões do país e outras frutas da estação. Na central de abastecimento estadual a banana-caturra apresentou desvalorização acima de 14% em entre setembro e outubro de 2021, após valorização de 21,7% entre julho e agosto quando a oferta estava reduzida no mercado. Enquanto, a banana-prata manteve os preços no atacado com redução da oferta da variedade no mercado e melhor qualidade em relação a caturra.

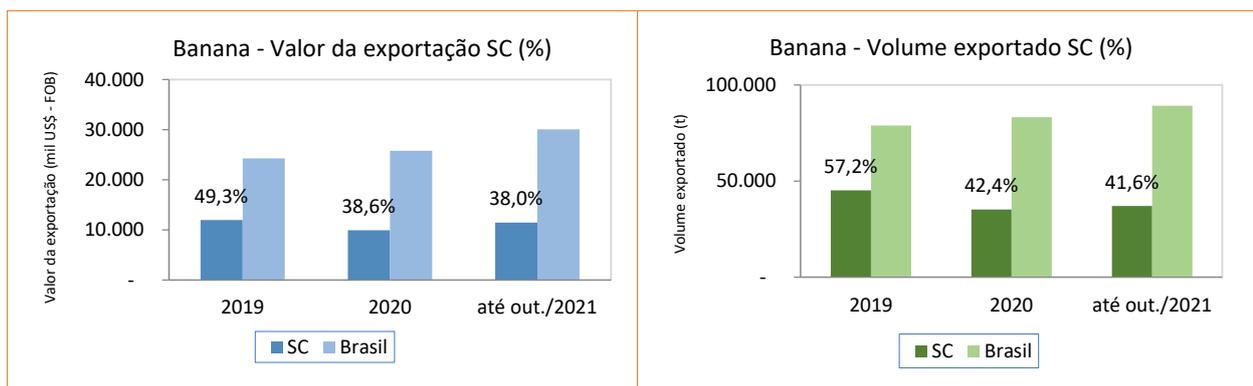


Figura 3. Banana – Quantidade mensal brasileira e catarinense exportada (2019 a out./2021)

Fonte: Comexstat/MDIC.

Entre janeiro e outubro de 2021, o volume brasileiro exportado de banana foi de 89.209 toneladas com aumento de 7,2%, em relação a todo o ano de 2020; e volume 13% maior que o de 2019. No ano de 2021, o valor das exportações nacionais da fruta foi de US\$ 30 milhões (FOB), com crescimento de 16,5% em relação ao ano anterior e 24% em comparação a 2019. Até outubro de 2021, Santa Catarina participou com 41,6% do volume exportado com aumento de 5% em relação ao ano anterior. Com valor negociado de US\$ 11,4 milhões, em 2021, o estado catarinense apresenta um aumento de 14,8% em relação a 2020; mas 4,5% menor que o total de 2019.

Tabela 3. Banana – Brasil: preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)* nas principais praças

Praça	Mês			Variação (%) Out./Set. 2021
	Ago. 21	Set. 21	Out. 21	
Bom Jesus da Lapa (BA)				
Nanica	1,61	1,47	1,41	-4,1
Prata	1,72	2,07	1,93	-6,8
Norte de Minas Gerais (MG)				
Nanica	1,62	1,41	1,25	-11,3
Prata	1,80	2,31	2,06	-10,8
Vale do Ribeira (SP)				
Nanica	1,69	1,49	1,41	-5,4
Prata	1,57	1,58	1,29	-18,4
Vale do São Francisco (BA e PE)				
Nanica
Prata	1,75	1,79	1,40	-21,8

(*) Preço médio mensal em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

Entre setembro e outubro, as cotações nas principais praças brasileiras apresentaram desvalorização. Na região Nordeste a banana-nanica obteve desvalorização acima de 4%, mas, com tendência de recuperação em novembro. Já a banana-prata com desvalorização acima de 6% tende a seguir com desvalorização nos preços com menor intensidade. A região Sudeste com problemas na qualidade dos cachos a banana-nanica apresentou desvalorização acima de 5%, como reflexo dos efeitos da estiagem na região e geada na região mineira. Já a banana-prata deve seguir com desvalorização nas cotações devido a problemas na qualidade com a presença de *chilling* e aumento da oferta da fruta.

Tabela 4. Banana – Santa Catarina: comparativo da estimativa de 2020/21 e 2021/22									
Microrregiões	Estimativa 2020/21			Estimativa 2021/22			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Rend. Médio
Blumenau	4.425	96.278	21.758	4.676	135.462	28.970	5,7	40,7	33,1
Itajaí	3.587	71.008	19.796	3.790	117.583	31.024	5,7	65,6	56,7
Joinville	12.931	223.256	17.265	12.854	370.062	28.790	-0,6	65,8	66,8
São Bento do Sul	523	9.969	19.061	520	11.735	22.568	-0,6	17,7	18,4
Araranguá	5.332	58.872	11.041	5.315	65.486	12.321	-0,3	11,2	11,6
Criciúma	1.294	20.334	15.714	1.305	23.812	18.247	0,9	17,1	16,1
Tubarão	131	1056	8.061	93	1.078	11.590	-29,0	2,1	43,8
Total	28.223	480.773	17.035	28.553	725.218	25.399	1,2	50,8	49,1

Fonte: Epagri/Cepa (out./2021).

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

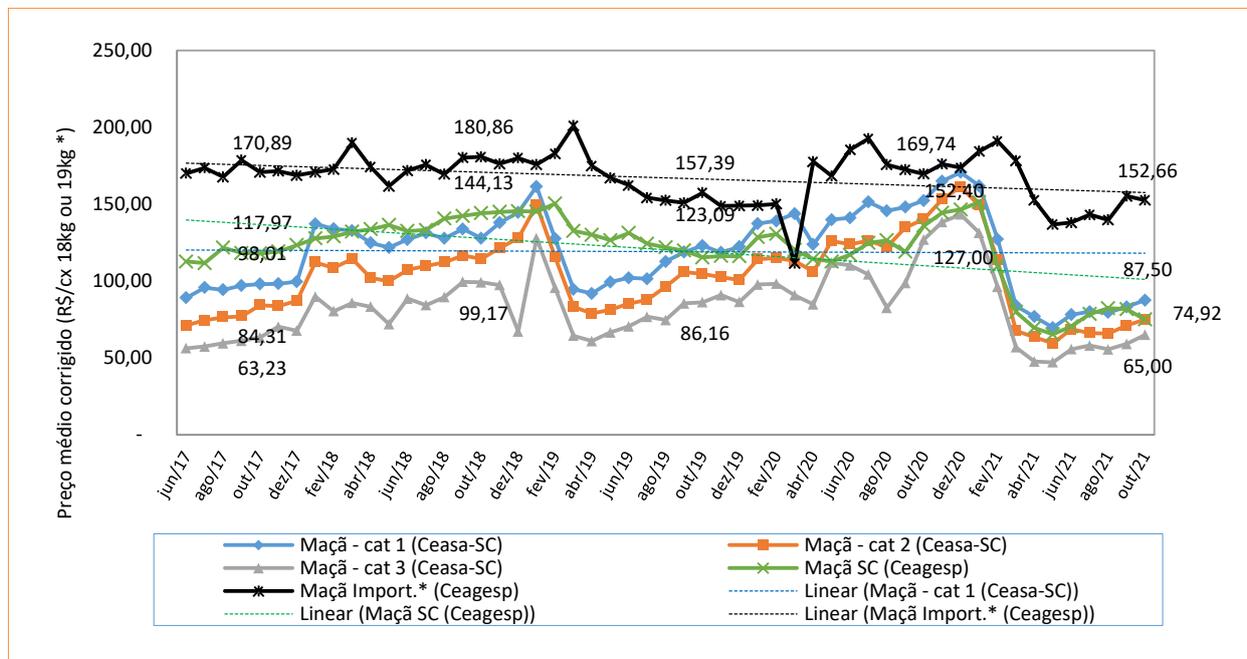


Figura 1. Maçã – Evolução do preço médio mensal no atacado

(*) Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Nota: preço corrigido pelo IGP-DI (out/21=100).

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Na Ceasa/SC, entre setembro e outubro de 2021 houve valorização nos preços da maçã categoria 1 de 5,2%, seguindo a tendência de recuperação. A maçã de categoria 2, no mesmo período, manteve valorização das cotações com 5,5%, mas com menor intensidade que no mês anterior. Em outubro, os preços das categorias 2 e 3 representaram respectivamente 85,7% e 74,3% do valor comercializado da fruta de categoria 1. No comparativo com 2020, a cotação de outubro está desvalorizada em 42,6% para categoria 1, 46,5% para categoria 2 e 48,8% para categoria 3. A estratégia é o escoamento dos estoques para a exportação da fruta e conseqüente redução de estoque no mercado interno, para valorização nas cotações e entrada das frutas da próxima safra no início de 2022.

Na Ceagesp, entre setembro e outubro houve desvalorização no mercado atacadista de 8,3% no preço da maçã catarinense, com aumento da oferta da fruta no atacado. As maçãs importadas estão com cotações desvalorizadas em 10,1% com relação ao ano anterior, principalmente devido a baixa demanda e taxa de câmbio depreciada (R\$/US\$). A expectativa é o aumento da demanda com manutenção das cotações.

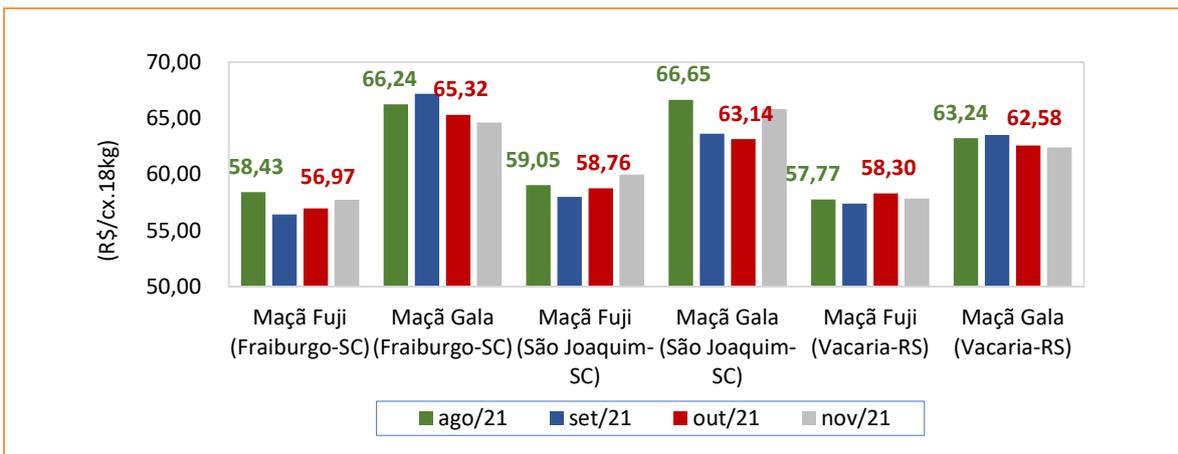


Figura 2. Maçã – SC e RS: preço médio ao produtor

Nota: Maçã (cat.1) embalada; nov. até o dia 10 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Na região de Fraiburgo (SC), a comercialização dos estoques da safra 2020/21, pelas classificadoras, segue com recuperação nos preços da maçã Fuji, de atmosfera controlada (AC), com valorização de 1,0% entre setembro e outubro e perspectiva de aumento de 1,4% para novembro. Com estratégia de escalonamento das frutas a maçã Gala tem as cotações desvalorizadas em 2,8% entre setembro e outubro e com expectativa de redução de 1,1% em novembro. Para a próxima safra (2021/22), na 2ª. quinzena de setembro os pomares estavam em plena floração e frutificação da maçã Gala, com ocorrência de granizo em algumas localidades. Em outubro, com florada acima da média houve aumento na frutificação com os produtores realizando o raleio manual e químico na região e expectativa de produção para a safra 2021/22 adequada a demanda do mercado.

Em São Joaquim (SC), com escoamento da produção 2020/21, nas classificadoras as cotações da Fuji estão valorizadas em 1,3% entre setembro e outubro podendo chegar a 2,1% em novembro; enquanto a Gala, com menor estoque tende a recuperar os preços com valorização de 4,3% em novembro e aumento na demanda relativa pela variedade. Para a produção da safra 2021/22, na 2ª quinzena de setembro os pomares estavam em plena floração com problema de alternância indicando redução da produção devido o grande volume da safra anterior. Já em outubro, os pomares estavam entrando em frutificação com o início do raleio.

Na região de Vacaria (RS), a estratégia das empresas de escoamento para exportação reduz os estoques disponíveis da fruta de melhor qualidade, com valorização de 1,6% para a maçã Fuji, mas desvalorização de 1,5% nas cotações da Gala e com perspectiva de redução nos preços médios de novembro.

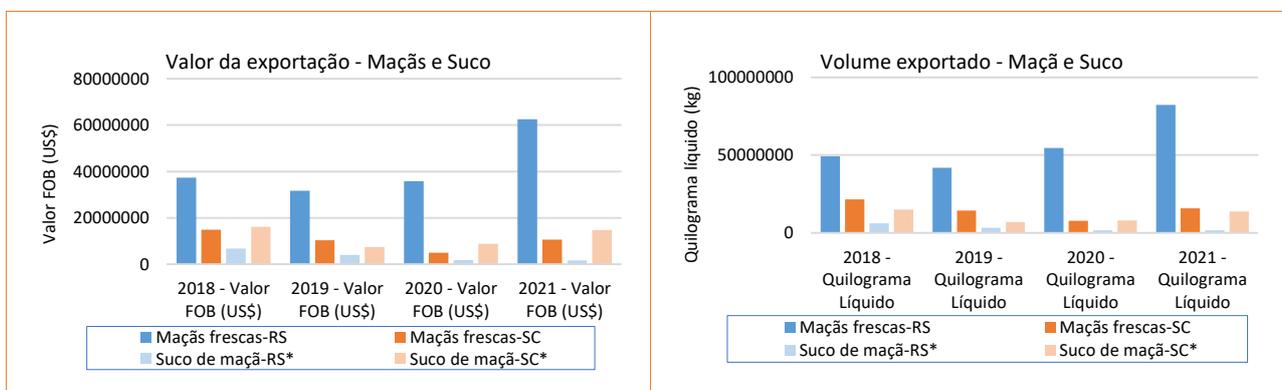


Figura 3. Maçã – Exportações de SC e RS: janeiro a outubro 2018, 2019, 2020 e 2021

(*) Suco de maçã se refere a soma de "suco de maçã com Brix <= 20" e de "outros sucos de maçã não fermentados" (NCM 200971; 200979).

Fonte: Comexstat/MDIC.

Entre janeiro e outubro de 2021 a exportação brasileira de maçãs “in natura” foi de US\$73,92 milhões com um volume de 99,0 mil toneladas da fruta. Entre 2018 e 2021, no mesmo período, o Brasil apresentou crescimento de 79,5% no valor das exportações e aumento 58,4% no volume exportado da fruta. Já, o valor da exportação nacional de suco de maçã, entre janeiro e outubro de 2021, foi de US\$ 16,93 milhões com volume de 15,6 mil toneladas, tendo crescimento de 58,4% entre 2020 e 2021. O câmbio favorável à exportação e a demanda interna retraída com recessão da economia impulsionaram o escoamento para o mercado externo.

Em 2021, até outubro, o estado do Rio Grande do Sul participou com 84,6% do valor negociado e 83,2% do volume das exportações brasileiras e ampliação de 50,8% na quantidade exportada da fruta. Enquanto Santa Catarina participou com 14,3% do valores das exportações e 16,0% do volume das exportações brasileiras. O estado catarinense apresentou recuperação com a ampliação de 105,8% na quantidade exportada da fruta entre 2020 e 2021, depois de passar por reduções de mais de 45% entre 2018 e 2020. Em relação a exportação de suco de maçã, Santa Catarina participa com 84,5% da quantidade líquida brasileira e 87,4% do valor negociado no ano corrente.

Tabela 1. Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2020/21 e a estimativa atual de 2021/22

Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa 2020/21			Estimativa atual 2021/22			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Produção (%)	Produtiv. média (%)
Joaçaba	2.480	97.312	39.239	2.585	97.135	37.576	4,23	-0,18	-4,24
Curitibanos	959	39.655	41.350	956	40.106	41.952	-0,31	1,14	1,46
Campos de Lages	11.718	459.280	39.194	11.761	522.036	44.387	0,37	13,66	13,25
Outras	114	2.492	21.860	110	2.450	22.273	-3,51	-1,69	1,89
Total	15.271	598.739	39.208	15.412	661.727	42.936	0,92	10,52	9,51

Fonte: Epagri/Cepa, out. 2021.

Grãos

Arroz

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em Santa Catarina, os preços médios pagos aos produtores no mês de outubro tiveram **redução de 2,07%** em relação a setembro, fechando o mês em R\$71,88/saca 50 kg. No mercado gaúcho, segundo o Cepea, também houve redução nos preços pagos, fechando o mês em R\$72,26/saca 50 kg, **redução de 3,11%**. Para Santa Catarina, em termos reais, quando se considera a inflação no período (IGP-DI - base setembro/21), a média de outubro de 2021 foi 31,58% inferior à de outubro de 2020, quando o preço real chegou a R\$105,06/saca 50kg.

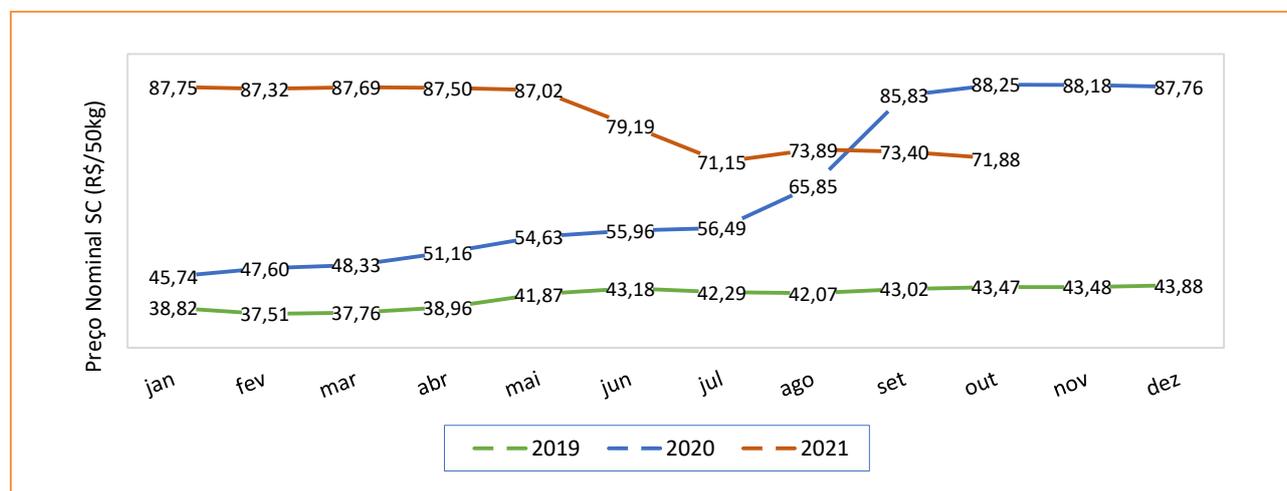


Figura 1. Arroz irrigado – SC: evolução do preço médio nominal mensal ao produtor – (jan./2019 a out./2021)

Fonte: Epagri/Cepa (SC), novembro/2021.

Presenciamos no mês de outubro uma forte retração nas cotações do arroz em casca. Esse comportamento é bastante atípico, pois normalmente os preços pagos ao produtor são maiores no segundo semestre do ano. Podemos verificar que desde maio, os preços tomaram uma trajetória descendente. Do lado do consumidor, percebemos uma leve retração no consumo, motivada principalmente pela redução da renda de boa parte da população. Essa situação tem levado a indústria a fazer aquisições pontuais e rejeitar ofertas a preços elevados.

Por outro lado, produtores que esperavam receber melhores preços no segundo semestre, tem resistido em baixa-los. Com compradores se afastando do mercado, muitos produtores começam a ficar preocupados, sobretudo porque precisarão escoar sua produção estocada para poder receber a nova safra daqui a alguns meses.

Do lado das exportações, que poderiam “enxugar” o mercado de arroz, favorecendo os preços no mercado interno, não se tem demonstrado reação. Em comparação com outubro de 2020, houve redução de 8,41% no volume exportado. Considerando o acumulado do ano, as exportações em 2021 (base casca) foram de 0,96 milhões de toneladas, contra 1,69 milhão de toneladas em 2020, apresentando redução de 43,19% no período.

Em outubro, os relatórios de balanço de oferta e demanda mundiais, registraram oferta em alta de arroz no mercado internacional. Com esse cenário de abastecimento, muitos países deixaram de ir ao mercado em busca de novos parceiros comerciais, como aconteceu em 2020, onde o Brasil se favoreceu.

Para 2021, a tendência é de que as relações comerciais se normalizem, retomando os padrões de comércio internacional pré-pandemia. Até mesmo o Brasil, que em 2020 havia importado até o mês de outubro, aproximadamente 647,6 mil toneladas, em 2021 já importou cerca de 657,3 mil toneladas, ou seja, um crescimento de 1,5% para o mesmo período. Em outubro foi exportado cerca de 140,6 mil toneladas, volume 8,0% superior ao de setembro, mas 8,4% inferior ao outubro de 2020.

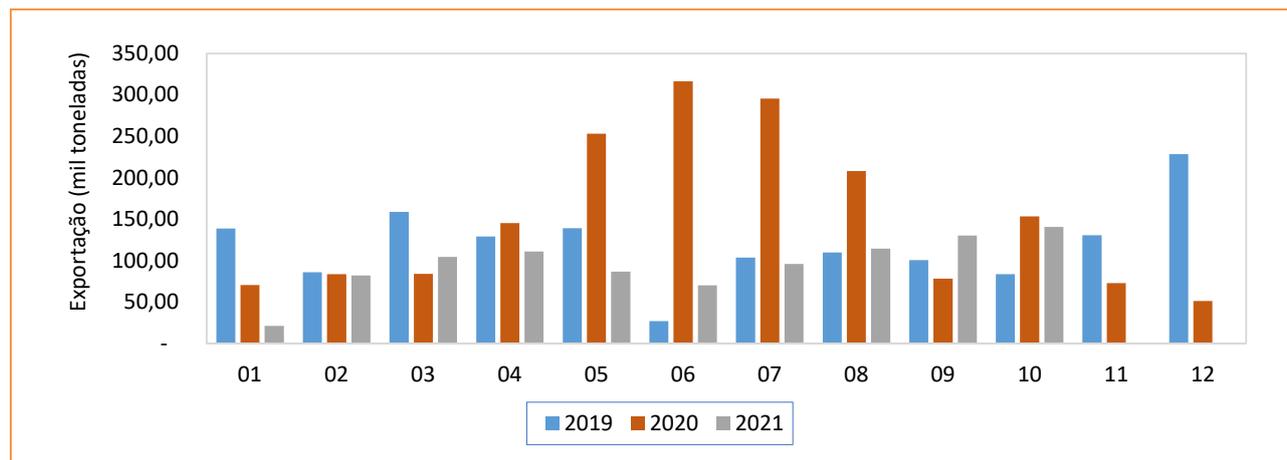


Figura 2. Arroz – BR: evolução das exportações de arroz (base casca) – (jan./2019 a out./2021)

Fonte: Epagri/Cepa (SC), novembro/2021.

Safra Nacional

A Conab atualizou suas estimativas iniciais para a safra brasileira de arroz. Para a safra 2021/22, a previsão é de redução na produção de 1,8%, sendo projetado um volume colhido de 11,5 milhões de toneladas. Segundo a entidade, esse resultado é reflexo principalmente das estimativas de uma redução da produtividade de 2,1%, apesar da projeção de expansão de área da cultura de 0,3%.

Segundo a Conab, o quadro de oferta e demanda do arroz para a safra 2021/22 tem como projeção a manutenção do consumo em 11 milhões de toneladas, com um volume importado em 1 milhão de toneladas. Em relação às exportações, a perspectiva é de que haja incremento do volume comercializado para 1,4 milhão de toneladas. Como resultado, projeta-se um incremento de 5,6% nos estoques finais da cultura do arroz, totalizando um montante de 2,6 milhões de toneladas em dezembro de 2022.

Safra Catarinense

O plantio está tecnicamente encerrado em todo estado. Em 100% das lavouras implantadas a condição de desenvolvimento das plantas é considerada bom. O clima tem favorecido a evolução das operações de plantio em todo estado. Na Região Sul do estado, as lavouras já plantadas desenvolvem-se bem e os produtores seguem com os tratamentos culturais. No Litoral Norte, as chuvas moderadas e as temperaturas amenas tem favorecido o desenvolvimento das plantas. Houve um pequeno atraso no desenvolvimento vegetativo das plantas devido à falta de luminosidade das últimas semanas, mas vem se recuperando com a melhora do tempo. No Alto Vale do Rio Itajaí o plantio está finalizado e até o momento está tudo dentro da normalidade.

No levantamento das estimativas de área plantada e de rendimento médio de outubro, a área plantada se manteve estável em 147 mil hectares. Quanto à produtividade média, a expectativa é de redução de 1,74%, passando de 8,4 t/ha obtidos na safra passada, para 8,3 t/ha. Assim, deveremos ter uma safra 2,17% menor, com uma produção de 1,22 milhão de toneladas.

Em resumo, durante o mês de outubro, as operações de aplicação de herbicidas e a adubação de cobertura foram prejudicadas pelo excesso de chuvas. Apesar disso, as lavouras apresentam-se em boas condições sanitárias. Há o relato do baixo número de horas de luz solar e, sendo a cultura sensível à baixa luminosidade, poderemos ter uma redução na produtividade média, em comparação a alcançada na safra passada.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 2020/21 e 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa Inicial – Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	512.719	8.713	58.848	493.325	8.383	0,00	-3,78	-3,78
Blumenau	7.115	60.701	8.531	7.115	62.208	8.743	0,00	2,48	2,48
Criciúma	21.828	191.735	8.784	21.828	183.475	8.405	0,00	-4,31	-4,31
Florianópolis	1.895	11.333	5.981	1.895	11.908	6.284	0,00	5,07	5,07
Itajaí	9.461	74.895	7.916	9.461	76.294	8.064	0,00	1,87	1,87
Ituporanga	171	1.539	9.000	170	1.530	9.000	-0,58	-0,58	0,00
Joinville	18.232	146.238	8.021	18.382	151.132	8.222	0,82	3,35	2,50
Rio do Sul	10.695	92.338	8.634	10.615	95.831	9.065	-0,75	3,78	5,00
Tabuleiro	132	877,8	6.650	132	924	7.000	0,00	5,26	5,26
Tijucas	2.164	15.780	7.292	2.164	15.985	7.387	0,00	1,30	1,30
Tubarão	17.738	140.697	7.932	17.023	129.158	7.587	-4,03	-8,20	-4,35
Santa Catarina	148.279	1.248.853	8.422	147.633	1.221.769	8.276	-0,44	-2,17	-1,74

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2021.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

O preço médio pago aos produtores catarinenses de feijão-carioca no mês de outubro recuou cerca de 1,0% em relação ao mês anterior, fechando a média mensal em R\$235,20/sc 60kg. Já para o feijão-preto, os preços tiveram pequena variação negativa de 0,17% no último mês, fechando a média de outubro em R\$231,90/sc 60kg. No mercado paranaense, a redução nas cotações foi ainda maior, registrando desvalorização de 4,69%, com o preço médio mensal para o feijão-carioca fechando em R\$261,95/sc 60kg. Já no mercado rio-grandense verificou-se pequena elevação de 1,28% na cotação do feijão-preto, que fechou o mês de outubro em R\$225,61.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Out/21	Set/21	Variação mensal (%)	Out/20	Variação anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	235,20	237,50	-0,97	194,45	20,96
Paraná		261,95	274,84	-4,69	252,88	3,59
Mato Grosso do Sul		238,86	247,62	-3,54	267,16	-10,59
Bahia		253,49	277,88	-8,78	231,28	9,60
São Paulo		262,91	279,81	-6,04	279,23	-5,84
Goiás		248,54	270,85	-8,24	265,28	-6,31
Santa Catarina	Feijão-preto	231,90	232,29	-0,17	220,34	5,25
Paraná		228,03	242,18	-5,84	240,13	-5,04
Rio Grande do Sul		225,61	222,76	1,28	241,54	-6,60

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), novembro/2021.

O mercado de feijão segue estável, a espera de compradores que precisarão repor seus estoques em breve. A expectativa é de que os preços se mantenham nos atuais patamares durante novembro e dezembro. Pelo lado dos produtores, acreditamos que não há motivo para correria porque até o momento a safra tem transcorrido muito bem, com expectativa de uma safra com produção excepcional, seja em qualidade ou em quantidade. É importante destacar que, em comparação com outubro de 2021, em valores reais, a saca de 60kg de feijão-carioca está cerca de 21% acima daqueles praticados em outubro de 2021.

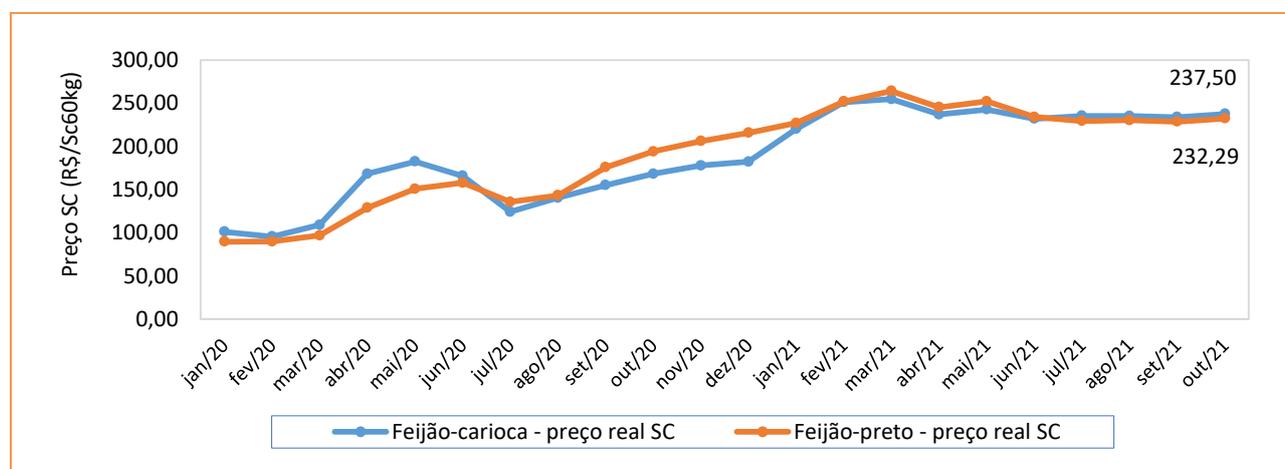


Figura 2. Feijão – Santa Catarina: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2020 a out./2021)

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base out./2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), novembro/2021

Safra Catarinense

Em Santa Catarina, até a última semana de outubro, 58,3% da área destinada ao plantio da safra 2021/22 de feijão 1ª safra já havia sido semeada. Neste início de safra, o plantio de feijão-preto predomina, pois o cultivo do feijão-carioca é mais tardio, concentrando-se em regiões mais frias do estado, como nos campos de altitude. Para as lavouras que estão à campo, cerca de 99,7% encontram-se na fase de desenvolvimento vegetativo e apenas 0,3% alcançaram a fase de floração. As condições de lavouras estão classificadas como: 90% boa; 8,5% média e 1,5% ruim.

Nas Microrregiões Geográficas (MRG's) de Canoinhas e São Bento do Sul, no Planalto Norte catarinense, o desenvolvimento vegetativo da cultura para as áreas que não sofreram nenhum evento climático é muito bom. Isso porque, na terceira semana de outubro, muitas lavouras foram atingidas por granizo e precisaram ser replantadas e/ou recuperadas. O clima mais estável das últimas semanas, tem favorecido a recuperação dessas áreas de cultivo.

Para as MRG's de Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste, no Oeste e Extremo Oeste catarinense, o mês de outubro foi marcado por um significativo aumento das operações de plantio, que devem se encerrar na primeira quinzena de novembro. A diminuição das chuvas a partir da última semana de outubro e primeira semana de novembro, trouxe um clima mais estável, o que permitiu que muitos produtores aproveitassem os dias de sol para concluir seus plantios.

Já nas MRG's de Ituporanga e Rio do Sul, região do Alto Vale do Rio Itajaí, com municípios localizados em menores altitudes, o plantio já está encerrado e as lavouras vem apresentando bom desenvolvimento vegetativo. Já no Sul do estado, que abrange as MRG's de Araranguá, Criciúma e Tubarão, os produtores seguem com os tratos culturais, enquanto as lavouras avançam no estágio de floração.

Para a safra 2021/22 de feijão 1ª safra, nessa terceira estimativa, verifica-se um pequeno aumento de 2% na área plantada, com destaque para a MRG de Canoinhas, que deverá ter um incremento de quase 2.000 hectares. Também é esperado um aumento de 30% na produtividade média das lavouras, passando dos 1.707 kg/ha obtidos na safra passada, para atuais 2.217kg/ha. Se tudo correr bem, sem ocorrência de eventos climáticos extremos, a expectativa de técnicos e produtores é de que deveremos ter um aumento de 33% na produção, passando de 56,5 mil toneladas, para 75,2 mil toneladas nessa safra.

Tabela 2. Feijão 1ª – Comparativo de safra 2020/21 e 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.
Campos de Lages	6.500	12.772	1.965	6.500	12.778	1.966	0	0	0
Canoinhas	7.450	8.767	1.177	9.350	23.990	2.566	26	174	118
Chapecó	1.772	2.123	1.198	1.788	4.038	2.258	1	90	89
Curitibanos	4.310	10.146	2.354	4.060	8.922	2.198	-6	-12	-7
Joaçaba	2.885	5.113	1.772	2.810	5.662	2.015	-3	11	14
Xanxerê	4.874	10.759	2.207	4.922	11.579	2.353	1	8	7
Outras MRG's	5.316	6.826	1.284	4.493	8.233	1.832	-15	21	43
Santa Catarina	33.107	56.507	1.707	33.923	75.203	2.217	2	33	30

Fonte: Epagri/Cepa (SC), outubro/2021.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina, os preços ao produtor, média mensal em outubro, recuaram 7,7% em relação a setembro, sendo o segundo mês consecutivo de baixa. Os preços ao produtor retomam posições registradas no início de 2021, R\$88,25/sc (Figura 1). No Mato Grosso houve uma estabilização dos preços, no entanto ainda mantém um diferencial significativo dos em relação as cotações no sul do Brasil. Como fatores que influenciaram a baixa no período estão: as exportações menores do que previsto para o ano, a expectativa de aumento da produção da safra 2021/2022 e o ritmo do consumo interno. A disponibilidade de trigo no mercado regional para composição de rações é um fator adicional e extemporâneo, que de certa forma pressiona os preços do milho no momento. Os baixos níveis de estoques internos devem ainda manter as cotações fortalecidas até o fim do ano, quando comparado a média dos anos anteriores.

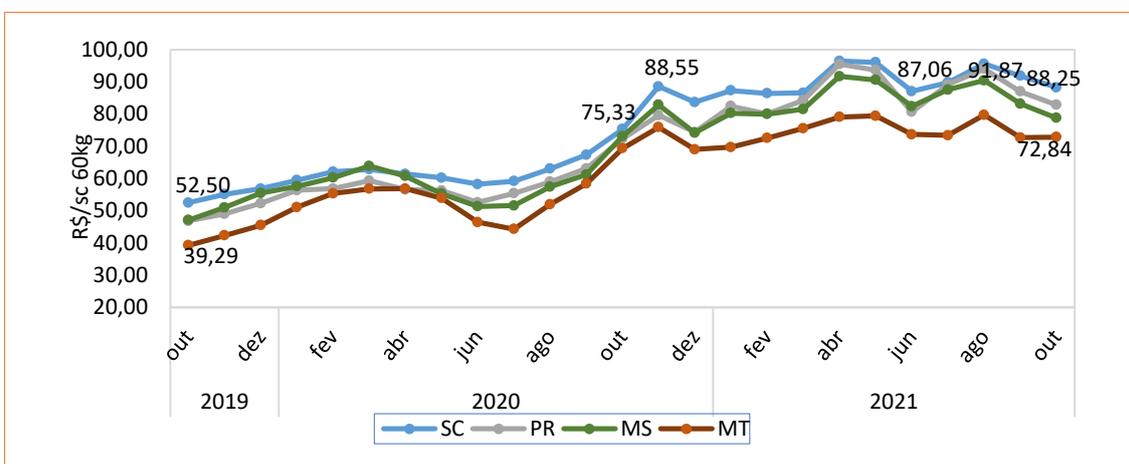


Figura 1. Milho – SC, PR, MT e MS: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60Kg) – set./2019 a out./2021 (valores atualizados pelo IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral-PR, Agrolink.

As cotações dos preços mensais do milho em Santa Catarina mostram uma variação temporal mais significativa desde julho de 2020. Os preços registrados em outubro (média mensal corrigida pelo IGP-DI) tiveram uma redução de 7,7% em relação ao mês anterior, enquanto que no período de 12 e 24 meses apresentaram uma elevação de 17,2% e 86,8% respectivamente (Figura 2). Desde início do ano de 2021, os preços permanecem nas posições entre R\$85,00 e R\$95,00/sc.

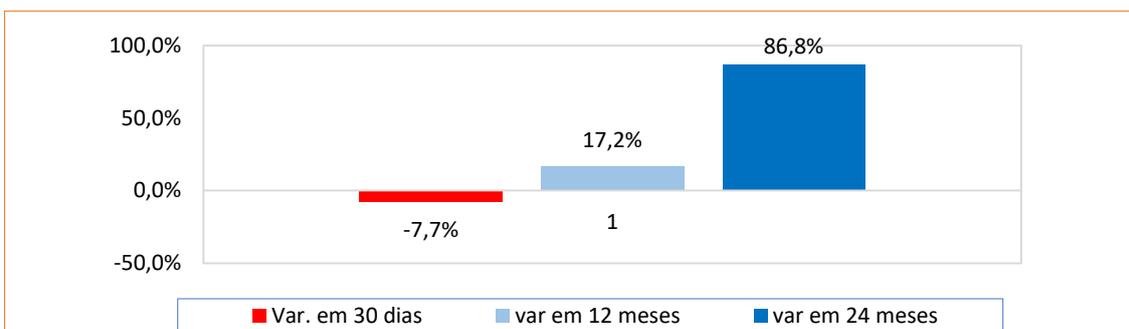


Figura 2. Milho – Preço médio mensal pago ao produtor em Santa Catarina (R\$/sc de 60Kg) – variação dos preços do mês de outubro em 30 dias, 12 e 24 meses (Atualizado IGP-DI)

Variação diária dos preços

A variação diária dos preços do milho na Bolsa B3 – Ibovespa, apresentaram uma elevação significativa de julho de 2020 a maio de 2021, quando alcançou a marca de R\$100,00/sc. A cotação em dólar, pela conversão diária registrou em alguns momentos \$20,00/sc. De julho até novembro, a retração dos preços foi significativa, de R\$101,00/sc em 29 de julho, recuando para R\$85,00/sc na primeira quinzena de novembro (Figura 3). Os compradores brasileiros não se mostraram interessados em comprar milho no mercado spot nacional, mantendo pressão sobre os valores na maioria das regiões. O ritmo lento das exportações de milho no segundo semestre e ao bom desenvolvimento da safra de verão no período. Alguns agentes afirmam ter estoques, já que ainda há produto estocado e precisam vendê-lo para receber a nova safra de verão. Tudo isso poderá levar pressão dos preços até final do ano. Comportamento atípico na entressafra, quando os preços estariam mais elevados.

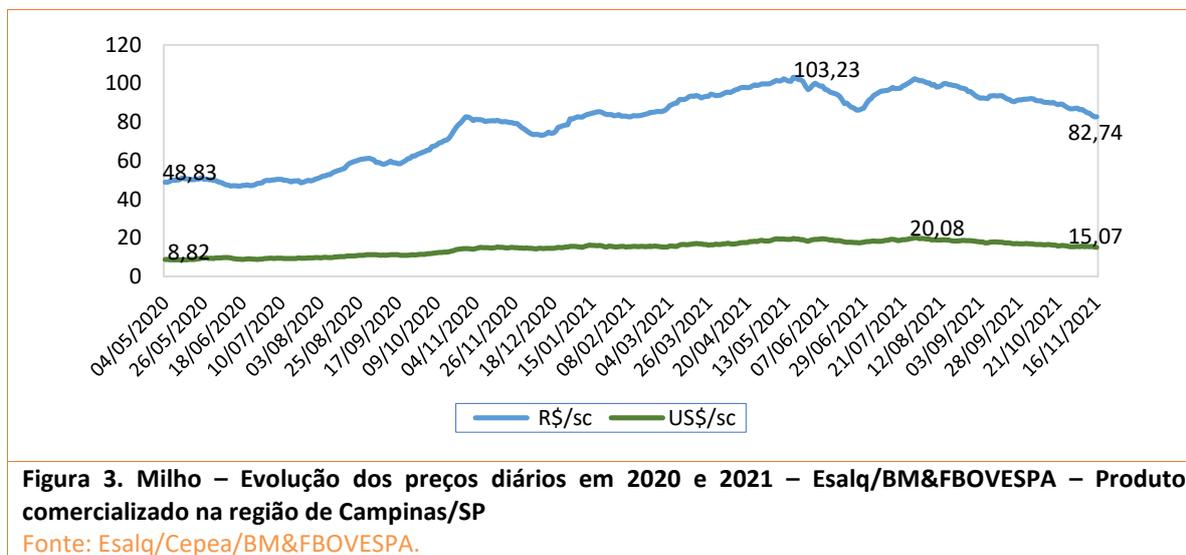


Figura 3. Milho – Evolução dos preços diários em 2020 e 2021 – Esalq/BM&FBOVESPA – Produto comercializado na região de Campinas/SP

Fonte: Esalq/Cepea/BM&FBOVESPA.

Poder de compra do milho

A evolução recente dos preços dos fertilizantes levanta um sinal de alerta para os produtores de milho. A relação de preços médios mensais do milho e fertilizantes, tomando como base a ureia, pode ser visualizada na Figura 4. Os preços dos insumos representam a média coletada nos meses referenciais (média estadual). O poder de compra de uma saca de milho em relação a ureia em 2020, esteve em cerca de 2:1, ou seja, com duas sacas de milho foi possível comprar uma saca de ureia. Em abril de 2021, esta relação foi melhor, 1,6 saca de milho correspondia a uma saca de ureia. A partir de julho esta relação se alterou significativamente, chegando a outubro a 2,6:1, nesta relação são necessárias 2,6 sacas de milho para compra de uma saca de ureia. De julho a outubro de 2021 registrou um aumento superior a 42%. Em relação aos adubos formulados, a alta foi de 22,34% no mesmo período¹.

¹ Sistema de Preço, Epagri/Ceapa.

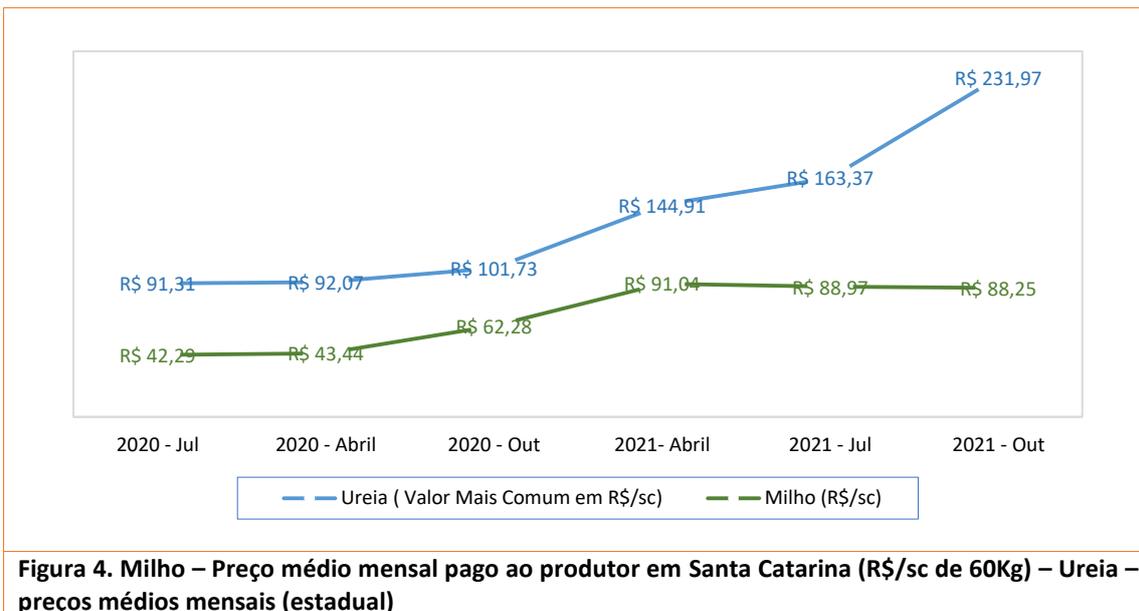


Figura 4. Milho – Preço médio mensal pago ao produtor em Santa Catarina (R\$/sc de 60Kg) – Ureia – preços médios mensais (estadual)

Safra 2021/22

Para o período de 2021-22 está sendo estimada uma produção de 2,71 milhões de toneladas (MT) na primeira safra, restabelecendo a produção média dos últimos anos. A área cultivada no estado se estabiliza em cerca de 325 mil hectares (Tabela 1). No atual levantamento, está indicado uma elevação da produção em 1,25% em relação a estimativa inicial. Um aumento da produtividade é esperado em função das boas condições climáticas registradas até 15 de novembro. A microrregião de São Miguel do Oeste tem uma diminuição de 8% na área cultivada. Não seria o caso de comentar, área transferida para a soja e milho silagem.

Tabela 1. Milho – Estimativa inicial e comparativa de área, produção e rendimento de milho grãos por Microrregião geográfica e totalização do estado – Safras 2020/21 e 2021/22

MRG	Safra 2020/21 (inicial)			Safra 2021/22 (outubro)			Variação %		
	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quantidade (t)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quantid. (t)	Área	Quant. (Kg/ha)	Quant. (t)
Araranguá	7.786	6.680	52.009	7.786	6.623	51.565	0,0	-0,9	-0,9
Campos de Lages	33.820	6.370	215.450	34.620	6.405	221.744	2,4	0,5	2,9
Canoinhas	33.850	9.491	321.270	35.100	9.713	340.940	3,7	2,3	6,1
Chapecó	39.913	8.664	345.794	41.133	8.921	366.936	3,1	3,0	6,1
Concórdia	21.750	7.567	164.574	21.750	7.567	164.574	0,0	0,0	0,0
Criciúma	7.109	6.820	48.481	7.109	6.820	48.481	0,0	0,0	0,0
Curitibanos	26.530	10.485	278.178	26.530	10.485	278.178	0,0	0,0	0,0
Ituporanga	10.170	7.732	78.636	10.170	7.732	78.636	0,0	0,0	0,0
Joaçaba	62.010	8.230	510.335	62.260	8.212	511.285	0,4	-0,2	0,2
Rio do Sul	19.030	7.105	135.216	19.030	7.105	135.216	0,0	0,0	0,0
São Bento do Sul	3.800	8.711	33.100	3.800	9.011	34.240	0,0	3,4	3,4
São M. do Oeste	25.070	8.538	214.044	23.090	8.523	196.804	-7,9	-0,2	-8,1
Tubarão	4.753	6.277	29.834	4.753	6.277	29.834	0,0	0,0	0,0
Xanxerê	26.080	9.895	258.055	26.080	9.985	260.409	0,0	0,9	0,9
Outras Regiões	4.210	5.979	25.172	4.210	5.979	25.172	0,0	0,0	0,0
Total Geral	325.881	8.316	2.710.149	327.421	8.381	2.744.015	0,47	0,77	1,25

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2021.

Milho grão segunda safra: A estimativa de área de milho grão para segunda safra é lançada no final de janeiro de cada ano. Nas últimas safras representa em torno de 20 mil hectares.

Milho silagem: Cabe salientar ou informar que o cultivo de milho para fins de silagem é levantado em separado e está estimado, em cerca de 220 mil hectares para a nova safra.

As três áreas (milho primeira e segunda safras e milho silagem) somam 565 mil hectares no estado.

Condição das lavouras e calendário safra de verão de 2021/22

O plantio realizado até semana de 1 a 6 de novembro alcança 92% da área estimada para a primeira safra (Tabela 2). Na maioria das regiões as lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo. As regiões do Oeste já registram lavouras em florescimento. A maior parte das lavouras estão em boa condição de desenvolvimento, cerca de 93% até o momento. A região de Campos de Lages não finalizou o plantio.

Tabela 2. Milho – Calendário de plantio, semana 40 – até dia 10 de outubro – Safra 2021/22 e comparativo com safras anteriores

Produto	Plantio (%)	Des. Vegetativo (%)	Florescimento (%)	Frutificação (%)	Maturação (%)	Condição ruim (%)	Condição média (%)	Condição boa (%)
Milho grão 1ª Safra	91,9	93,9	6,1	0	0	0,8	5,7	93,5

Fonte: Epagri/Cepa. Novembro, 2021.

Dinâmica da produção de milho na primeira safra no Brasil

O cenário da primeira safra de milho no Brasil apresentou mudanças significativas nos últimos 20 anos. A área cultivada passou de 9,8 milhões de hectares no ano de 2000 para 4,4 milhões de hectares para a safra 2021/22, o que representa redução superior a 50% no período (Figura 5). A produção reduziu de 40 milhões de toneladas (MT) em 2008 para cerca de 25 MT em 2020 ocasionando, em alguns anos, dificuldades no suprimento de interno de milho no primeiro semestre. A primeira safra abastece o mercado interno por 4 meses considerando que, o consumo médio mensal de milho no Brasil é de 6 MT. Em 2021, com a diminuição do estoque final na safra houve dificuldade no suprimento interno o que levou a necessidade de maiores importações.

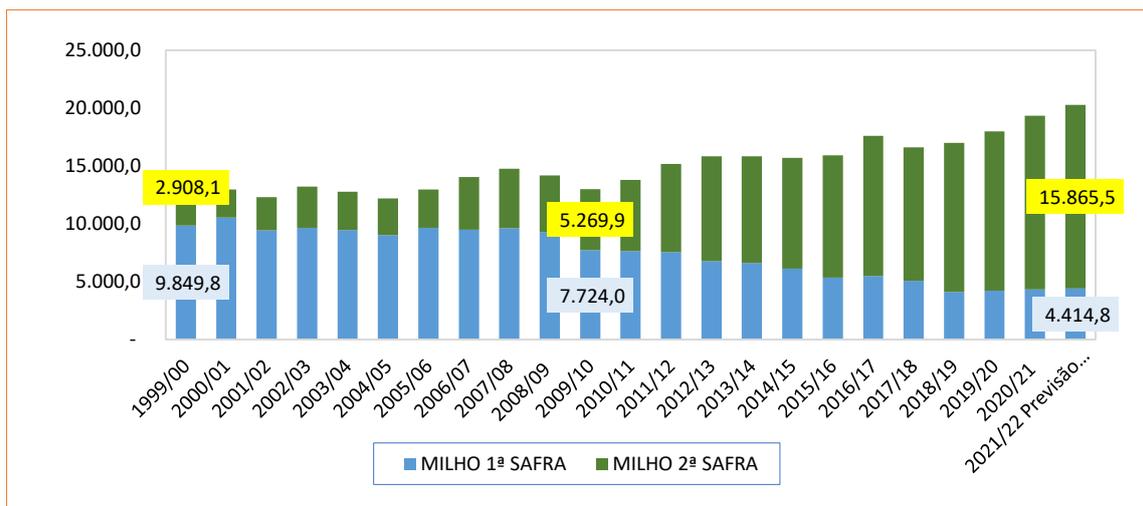
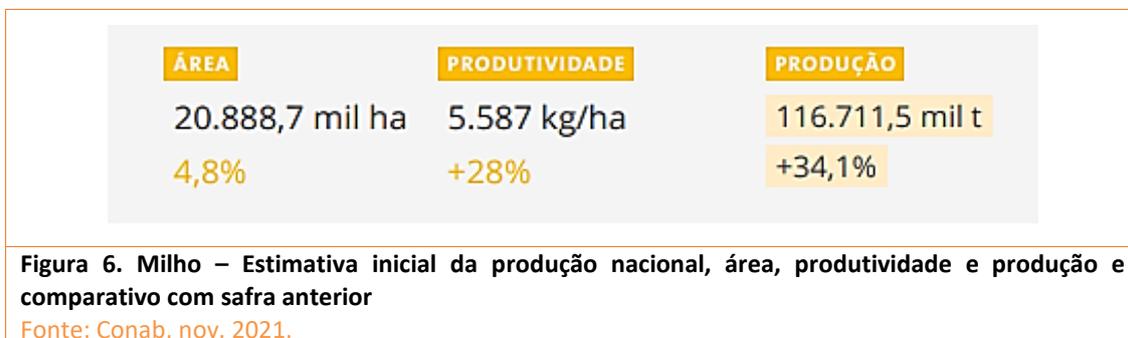


Figura 5. Milho – Evolução da área cultivada de milho na primeira e segunda safra no Brasil

Fonte: CONAB, novembro, 2021.

Safra Nacional de milho 2021/2022²

A CONAB eleva para 116,7 milhões de toneladas a estimativa atual para a safra 2021/2022 (primeira e segunda safra), o que representa 34% de elevação em relação à safra anterior. O aumento da área em conjunto com a recuperação da produtividade embasa estas estimativas (Figura 6).



Demanda: Em relação aos dados de demanda doméstica, a Conab projeta 72,3 milhões de toneladas a serem consumidas no ano-safra 2020/21, um aumento de 5,4%, comparado a 2019/20, a projeção é sustentada no bom desempenho das exportações da indústria de proteína animal em 2021.

Produção Mundial³

- O USDA (Departamento de Agricultura dos estados Unidos) eleva previsão de safra de milho dos EUA. Em relação aos estoques Mundiais também aumenta a estimativa, de 301,74 milhões de toneladas (MT) para 304,42 MT no último relatório/novembro.

- O relatório destaca as perspectivas inversas de exportação de milho em 2020/21 do Brasil e Argentina. As exportações de milho pela Argentina foram impulsionadas pelo enfraquecimento das exportações brasileiras. Em 2020/21, as exportações de milho da Argentina estão atualmente estimadas em 38,5 milhões de toneladas, enquanto que do Brasil estão estimadas em apenas 17,5 milhões de toneladas.

² Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.9 – safra 2021/22, nº2 – Segundo levantamento | novembro 2021.

³ Usda. Foreign Agricultural Service/USDA 33 November 2021 Global Market Analysis.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina os preços de janeiro a outubro de 2021 apresentaram média mensal de R\$158,74 (em valores corrigidos pelo IGP-DI). Já, o preço médio mensal em outubro foi de R\$161,33. As cotações mensais têm oscilado em torno deste valor médio, em função do câmbio e/ou demanda internacional pela soja. Em Mato Grosso, maior produtor nacional, os preços apresentaram comportamento incomum em 2020 e 2021, superando inclusive, em alguns meses, os praticados no sul do Brasil.

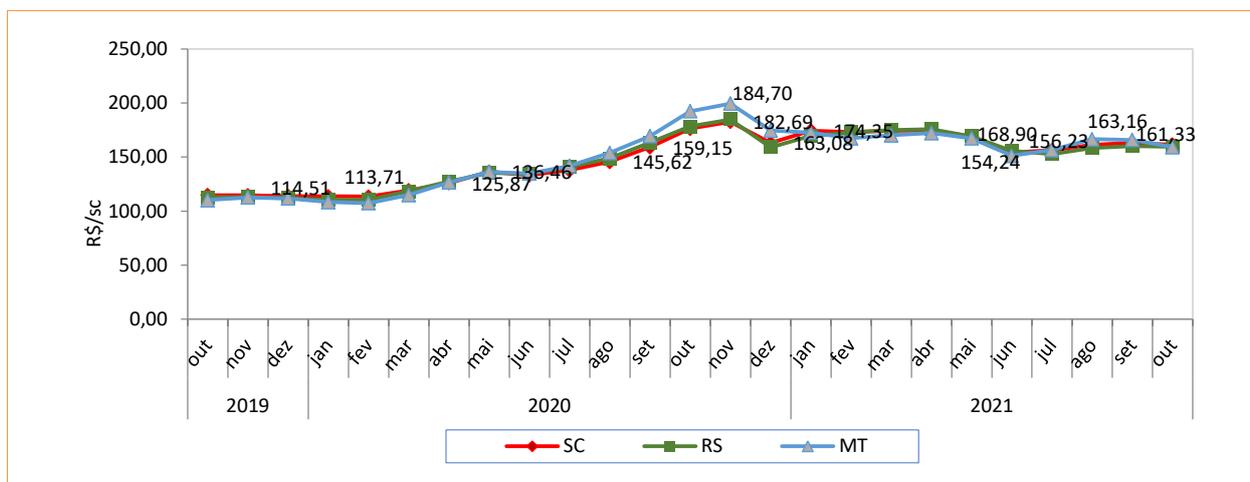


Figura 1. Soja em grão – SC, RS e MT: preço médio mensal ao produtor – 2019-21 (corrigidos pelo IGP-DI, 2021).
Fonte: Epagri/Cepa, Deral – PR, IMEA-MT e Agrolink (MT).

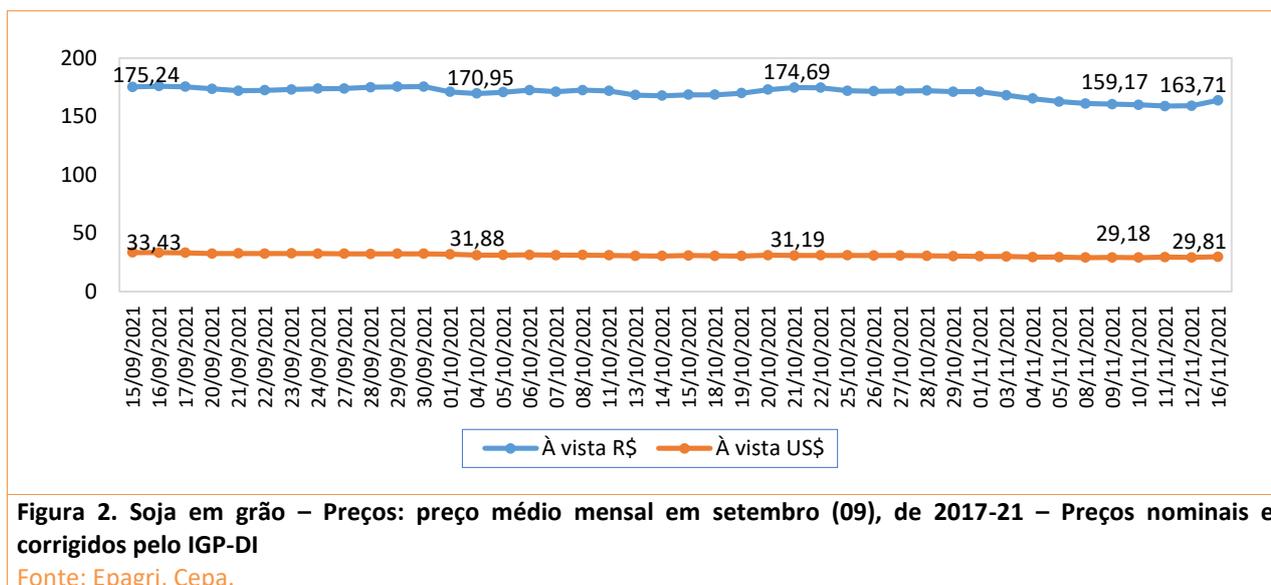
Os fatores que pressionam para baixa nos preços estão predominando no período de outubro até 15 de novembro. No entanto, outros atuaram no sentido de valorização da oleaginosa. O aumento da demanda por óleo limitou as desvalorizações da soja no Brasil. De maneira geral, as quedas de preços refletiram a expectativa de safra recorde mundial 2021/22. Na última semana de outubro, os produtores de soja brasileiros disponibilizaram maiores volumes no mercado spot, aumentando a liquidez⁴.

Fatores de baixa dos preços ↓	Fatores que podem levar a alta ↑
O prognóstico de aumento de área de cultivo da safra brasileira para 2021/22; Colheita da safra dos EUA; China, demanda indefinida.	Câmbio, dólar em alta; Aumento das exportações em outubro/novembro; Estoques internos baixos; Melhor margem de esmagamento, devido a valorização dos derivados, em especial óleo, em função da elevação dos preços do petróleo.

Preços diários

Desde setembro (15/09) a 11/11/21, os preços da soja grão apresentaram retração de 9,33% no mercado interno. Na conversão para o dólar também é possível verificar a mesma tendência no período com diminuição de 11%. Em meados de setembro a cotação da soja grão em dólar alcançou U\$33,43 dólares/sc e, em 16 de novembro esteve em U\$29,71/sc. As cotações estão sofrendo ajustes, seja pelo mercado internacional e/ou fatores internos (Figura 2). A valorização da moeda norte-americana frente ao real que voltou a operar acima do patamar de R\$ 5,50 por dólar, trouxe sustentação às cotações domésticas, possibilitando melhores negócios no mercado físico (em 16/11/2021).

⁴ <https://www.cepea.esalq.usp.br/en/brazilian-agribusiness-news/high-demand-boosts-soy-oil-prices-in-brazil.aspx>



Safra 2021/22

Para a safra 2021/22 a estimativa inicial é de um aumento de 4% da área cultivada no estado em relação à safra anterior. A recuperação da produtividade aliada ao aumento da área, deverá elevar a produção em 12,2%, alcançando assim cerca de 2,62 milhões de toneladas. Este prognóstico se refere a primeira safra, de verão. Desde 2020 o acompanhamento da safra realizado pela Epagri/Cepsa separou as estimativas da primeira e segunda safras de soja no estado. Na safra anterior foram cultivados cerca de 42 mil hectares na segunda safra. Portanto, considerando a projeção, incluindo a área de cultivo da segunda safra, poderemos ter cerca de 740 mil hectares cultivados com a oleaginosa no estado. As regiões onde se concentram a maior área de cultivo são: Canoinhas, Xanxerê e Curitiba/Campos Novos, que somam mais de 55% do total cultivado no estado. As estimativas (Tabela 1) se referem as estimativas iniciais e são atualizadas todos os meses pela equipe da Epagri-Cepsa ao longo da safra.

Tabela 1. Soja – Santa Catarina: Área de cultivo, produção e produtividade na safra 2021/22 e comparativo com estimativa inicial

MRG	Safra 2021/22 (inicial)			Safra 2021/22 (Out.)			Variação %		
	Área (ha)	Quant (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Quant. (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Quant.	Prod.
Araranguá	740	3.393	2.511	740	3.393	2.511	0,0	0,0	0,0
Campos de Lages	67.930	3.367	228.704	71.030	3.521	250.106	4,6	9,4	4,6
Canoinhas	146.200	3.770	551.156	150.600	3.769	567.666	3,0	3,0	0,0
Chapecó	85.490	3.394	290.121	86.610	3.520	304.883	1,3	5,1	3,7
Concórdia	7.415	3.809	28.241	7.665	3.812	29.216	3,4	3,5	0,1
Criciúma	4.440	3.492	15.505	4.440	3.492	15.505	0,0	0,0	0,0
Curitibanos	113.495	4.150	470.988	113.495	4.150	470.988	0,0	0,0	0,0
Ituporanga	8.780	3.672	32.244	8.780	3.672	32.244	0,0	0,0	0,0
Joaçaba	56.132	3.748	210.364	56.232	3.745	210.574	0,2	0,1	-0,1
Rio do Sul	5.970	3.470	20.718	5.970	3.470	20.718	0,0	0,0	0,0
São Bento do Sul	12.400	3.418	42.380	12.400	3.418	42.380	0,0	0,0	0,0
São Miguel do Oeste	37.248	3.804	141.693	38.728	3.812	147.641	4,0	4,2	0,2
Tubarão	1.450	3.358	4.870	1.450	3.358	4.870	0,0	0,0	0,0
Xanxerê	135.643	3.805	516.072	135.693	3.818	518.114	0,0	0,4	0,4
Total Geral	683.333	3.740	2.555.566	693.833	3.772	2.617.415	1,5	2,4	0,9

Fonte: Epagri/Cepsa, Sistema de Informações Agropecuária.

Calendário e condições das lavouras

O desenvolvimento das lavouras de soja - Safra de Verão 2021/22, referente ao calendário agrícola de 1 a 6 de novembro, registra que, 54,8% da área prevista está semeada, em fase de desenvolvimento vegetativo (Tabela 2). As condições das lavouras até o momento estão boas em 97% da área da área implantada. As chuvas regulares e a temperatura favorecem a germinação e desenvolvimento inicial das lavouras.

Tabela 2. Soja – Safra de Verão 2021/22, referente ao calendário agrícola de 1 a 6 de novembro 2021

Produto	Plantio (%)	Des Vegetativo (%)	Florescimento (%)	Condição Ruim (%)	Condição Média (%)	Condição Boa (%)
Soja 1ª safra	54,8	100	0	0	2,5	97,5

Fonte: Epagri/Cepa, novembro, 2021.

Safra Nacional⁵

Safra 2021/2022 (comparativo com safra anterior)

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
40.273,6 mil ha	3.526 kg/ha	142.009,9 mil t
3,5%	0%	3,4%

A área brasileira de soja deverá apresentar crescimento de 3,5% em comparação à safra anterior, alcançando 40,3 milhões de hectares, enquanto a produção passa a alcançar 142 milhões de toneladas, com aumento de 3,4% em relação à safra 2020/21. Em termos absolutos, a área cultivada de soja no Brasil tem aumentado cerca de um milhão de hectares por ano.

Figura 3. Soja em grão – Brasil: safra 2020/21, estimativas da área, produtividade e produção total e comparativo com a estimativa safra 2021/22

Fonte: Conab, relatório de novembro, 2021.

Oferta e Demanda de soja e derivados

A nova safra apresenta números positivos com a estimativa de 142 milhões de toneladas, cerca de 5 MT superior a safra anterior (Figura 4). No entanto, as expectativas das exportações são de elevação de 5,5 MT. Desta forma, os demais indicadores permanecem semelhantes nos dois períodos comparativos.

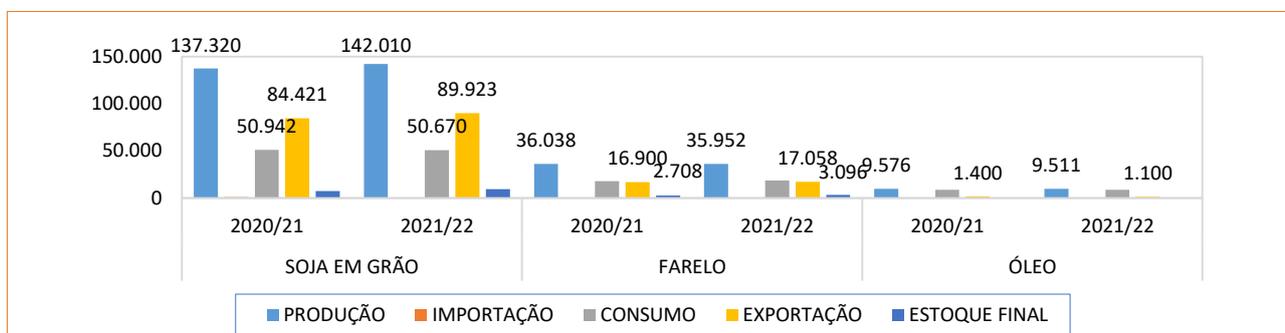


Figura 4. Soja em grão – Brasil: Safra 2020/21 – estimativa da área, produtividade e produção total e comparativo com a estimativa inicial da safra 2021/22

Fonte: Conab, relatório de outubro, 2021.

⁵ Conab | Acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.9 – safra 2021/22, nº2 – Segundo levantamento | novembro 2021.

Mercado Internacional⁶

Em seu relatório de novembro, o USDA reduziu a estimativa da produção global de soja, 385,14 milhões de toneladas em outubro, para 384,01 MT em novembro. Esta informação fez recuar os preços na Bolsa de Chicago momentaneamente (dia 9 de novembro). Nos dias seguintes, notícias de exportações recordes de soja pelo Brasil levaram a alta das cotações.

Exportações do complexo soja por Santa Catarina em 2021

A evolução anual das exportações do complexo soja por Santa Catarina, desde 2010 está na Tabela 4. Em 2020 o volume total alcançou dois milhões de toneladas. Em 2021 (até outubro) foram embarcadas 1,35 milhão de toneladas (Figura 5). O ritmo está mais lento este ano, reflexo da paralização das atividades portuárias na China. O item soja em grão corresponde a 97% do total das exportações de SC sendo que 80% deste tem como destino a China. Contudo, o valor FOB por tonelada teve uma evolução significativa em relação aos anos anteriores. Enquanto em 2020 alcançou US\$350,66/t, em 2021 teve uma elevação superior a 30% e chegou a US\$470,00/t. um aumento superior a 30% no ano.

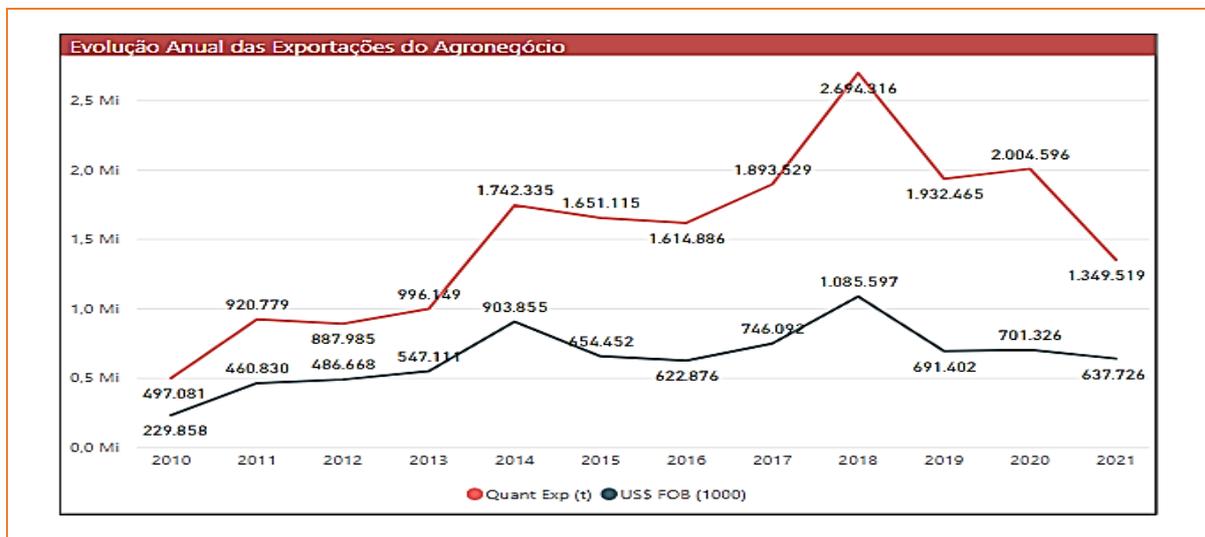


Figura 5. Soja – Exportações do complexo soja por Santa Catarina 2019-21 (de janeiro a outubro) – Composição das exportações do complexo soja – janeiro a setembro

Fonte: ME. Secex. Consulta em 12/11/2021. Elaboração Epagri/Cepa.

A Soja e a COP 26

Algumas iniciativas e decisões durante a COP 26 sinalizaram claramente para mudanças no mercado internacional das commodities, com destaque para a soja:

1. Oito grupos do setor financeiro e do agronegócio se comprometeram, na COP26, a tornar disponíveis investimentos US\$ 3 bilhões na produção de soja e na criação de gado livres de desmatamento na Amazônia, no Cerrado e no Chaco (Paraguai). Assinaram o compromisso o fundo de impacto holandês & Green Fund e o fundo AGR13 (gerido pelo banco Holanda⁷).

⁶ USDA. Oilseeds: Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 13 November 2021.

⁷ <https://valor.globo.com/agronegocios/noticia/2021/11/01/oito-grupos-se-comprometem-com-investimentos-de-us-3-bi-em-soja-e-gado-sem-desmatamento.ghml>.

2. A União Europeia anuncia regras para proibir commodities de áreas desmatadas e coloca mais pressão sobre o Brasil. As regras incluem a proibição da importação de soja, café, carne bovina, cacau, madeira e óleo de palma e de alguns produtos derivados, como couro, chocolate e móveis que sejam originários de áreas de desmatamento⁸.

⁸ <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2021/11/17/ue-anuncia-regras-para-proibir-commodities-de-areas-desmatadas-e-coloca-mais-pressao-sobre-o-brasil.ghtml>.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de outubro, como normalmente acontece nesse período, o comportamento esperado de baixa nas cotações de trigo se confirmou. No mercado catarinense houve queda de 1,71% em relação a setembro, que fechou a R\$ 83,53/saca 60 kg. A variação anual de preços, em termos nominais, foi 26,04% superior ao preço médio praticado em outubro de 2020. O comportamento baixista dos preços da saca de trigo também foi observado no mercado paranaense.

Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Out./21	Set./21	Variação mensal (%)	Out./20	Variação anual (%)
Santa Catarina	83,53	84,98	-1,71	66,27	26,04
Paraná	87,34	87,59	-0,29	68,61	27,30
Mato Grosso do Sul	85,48	85,04	0,52	66,82	27,93
Goiás	102,00	99,18	2,84	72,00	41,67
Rio Grande do Sul	81,84	81,49	0,43	68,96	18,68

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS), novembro/2021.

Nesse início de colheita da safra de trigo na região Sul do país, os produtores estão cautelosos em realizar vendas mais volumosas, na expectativa de conquistarem melhores preços no primeiro semestre de 2022. Outro aspecto importante, e que sempre influencia nas cotações da saca de trigo, é o clima. Na implantação da cultura, tivemos problemas com estiagens em algumas regiões do estado, e agora, próximo a colheita, a preocupação é com o excesso de chuvas, que pode comprometer a quantidade e a qualidade do grão colhido, sobretudo pelo aumento da incidência de doenças fúngicas na fase de enchimento de grãos e maturação.

Em função desses problemas fitossanitários, a safra paranaense, segundo o Deral, passou de uma estimativa inicial de 3,9 milhões de toneladas (MT) para atuais 3,2 MT. Até final de outubro, cerca de 82% da área destinada ao plantio de trigo no território paranaense já havia sido colhida, o que representa um volume de aproximadamente 2,5 milhões de toneladas. Essa redução na safra paranaense, se constitui num fator que pode manter os preços da saca de trigo em patamares elevados. Já em relação à safra gaúcha, segundo dados da Emater/RS, cerca de 48% da área de trigo já havia sido colhida até final de outubro. Em comparação às estimativas iniciais, a entidade prevê um incremento de produção, passando de 1,2 MT para 3,6 MT.

Com os produtos de exportação (commodities) em alta e dólar elevado, os produtores estão relativamente capitalizados, sem necessidade de “fazer caixa”. Com isso, seguem retendo suas produções na expectativa de conseguirem melhores preços. Por outro lado, quando o preço da saca de trigo é convertido de nominal para real, tomando como fator de correção o Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), podemos verificar que a tendência do mercado para o mês de novembro é de preços firmes.

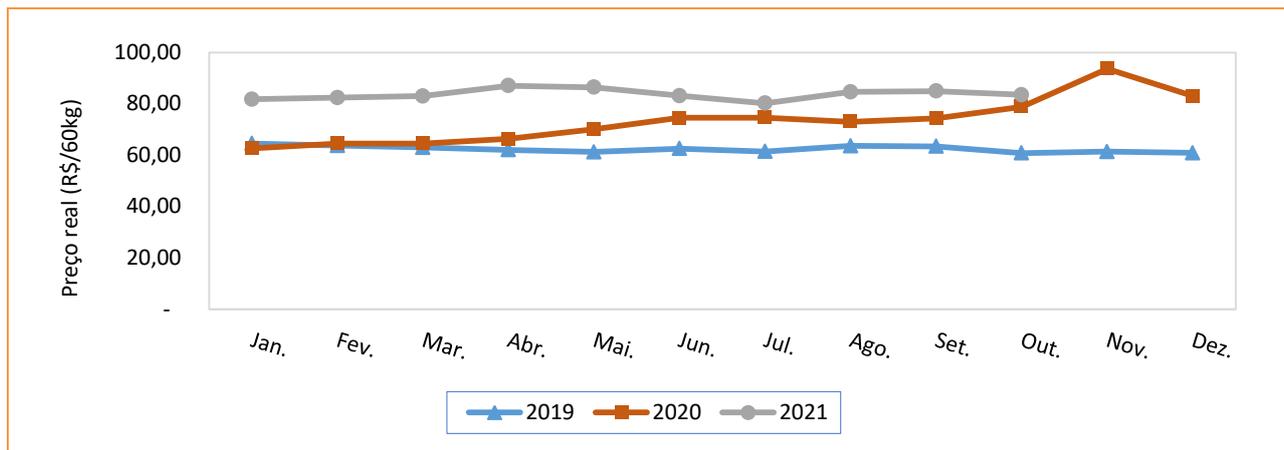


Figura 1. Trigo – SC: evolução do preço médio mensal real ao produtor – (jan./2019 a out./2021)

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base outubro/2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), novembro/2021.

Safra Catarinense

Nas Microrregiões Geográficas (MRG's) de Canoinhas e São Bento do Sul, no Planalto Norte catarinense, eventos climáticos de ventos fortes e granizos atingiram algumas áreas durante o mês de outubro. Muitas lavouras ficaram "acamadas" e suscetíveis à entrada de doenças, principalmente a giberela. Em função disso, provavelmente teremos perda de produtividade nessas lavouras. Para as demais áreas das MRG's, o período de maturação segue normal, com as operações de colheita ganhando maior ritmo a partir da primeira quinzena de novembro.

Para as MRG's de Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste, no Oeste e Extremo Oeste catarinense, o mês de outubro foi marcado por um significativo aumento das operações de colheita. Apesar da alta umidade das lavouras em função de chuvas intensas, produtores aproveitaram os dias com clima mais seco para "apressar" a colheita com o objetivo de liberar as áreas de cultivo para o plantio direto da soja. Contudo, muitos produtores acabam comprometendo a qualidade do grão, já que muitas lavouras estão sendo colhidas com umidade muito alta, o que prejudica o PH, que tem ficado abaixo de 78. A expectativa é que na primeira quinzena de novembro, com tempo seco, a colheita se intensifique.

Já nas MRG's de Ituporanga e Rio do Sul, região do Alto Vale do Rio Itajaí, com municípios localizados em menores altitudes, cerca de 50% da área destinada ao cultivo do cereal já foi colhido. Mais uma vez, o excesso de chuvas em setembro e na primeira quinzena de outubro comprometeu a produtividade média esperada. A expectativa é que a outra metade da área que falta ser colhida, não sofra problemas de excesso de chuvas, e com isso a produtividade média estimada, em torno de 45 sacas/ha, possa ser mantida.

Nas regiões de maior altitude e mais frias do estado, que abrange as MRG's de Curitibanos, Campos de Lages e Joaçaba, localizadas no Planalto Sul Catarinense, Planalto Serrano e Meio Oeste, respectivamente, as lavouras se encaminham para a conclusão da fase de maturação. As operações de colheita devem começar já na primeira quinzena de novembro. A expectativa de técnicos e produtores é de safra cheia no que se refere a produtividade. Já em relação a qualidade de grão, é possível que tenhamos alguns problemas por conta do excesso de chuvas no mês de outubro, que propiciou incidência de giberela e acamamento de plantas de algumas áreas.

Em resumo, em todo estado, até a última semana de outubro, cerca de 28,53% da área destinada à triticultura já foi colhida. Em função do excesso de chuvas, o ritmo de colheita foi reduzido em algumas regiões do estado. Até o momento, é estimado o aumento de 77% na área plantada. Os bons preços pagos aos produtores, associados aos incentivos do governo estadual ao cultivo de cereais de inverno, são os

fatores determinantes para tal incremento. Até final de outubro, 69,66% das lavouras já tinham alcançado a fase de maturação, e cerca de 30,34% encontravam-se em fase de floração.

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo entre a safra 2020/21 e estimativa safra 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área	Produção	Produt.
Campos de Lages	634	1.285	2.027	3.066	8.475	2.764	384	560	36
Canoinhas	13.300	46.780	3.517	22.300	78.074	3.501	68	67	0
Chapecó	13.493	35.785	2.652	25.982	82.179	3.163	93	130	19
Concórdia	1.121	3.355	2.993	1.810	6.468	3.573	61	93	19
Curitibanos	9.040	29.212	3.231	14.320	59.994	4.190	58	105	30
Ituporanga	781	2.032	2.601	1.940	4.488	2.313	148	121	-11
Joaçaba	3.987	9.779	2.453	6.166	23.062	3.740	55	136	52
Rio do Sul	250	605	2.420	1.060	2.430	2.292	324	302	-5
São Bento do Sul	700	2.310	3.300	1.100	3.820	3.473	57	65	5
São M. do Oeste	4.595	11.870	2.583	8.130	23.420	2.881	77	97	12
Xanxerê	10.531	29.065	2.760	17.450	56.270	3.225	66	94	17
Santa Catarina	58.432	172.079	2.945	103.324	348.679	3.375	77	103	15

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2021.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiguigel@epagri.sc.gov.br

Segundo informações de associações de produtores de alho dos principais estados do país e da própria Associação Nacional dos Produtores de Alho (Anapa), há uma forte tendência de ampliação da participação do alho brasileiro no mercado nacional. As principais contribuições para esse avanço é o aumento da área plantada principalmente nos estados de Minas Gerais e Goiás, ganho de produtividade e estratégia de marketing.

Nesse sentido, a Associação Catarinense dos Produtores de Alho (Acapa) em parceria com diversas instituições públicas como a Epagri, UFSC – Campus de Curitiba, está buscando alternativas para que o estado se mantenha entre os principais produtores da hortaliça no Brasil com viabilidade econômica aos produtores. Especificamente em Santa Catarina, o alho é produzido em pequenas propriedades, principalmente por agricultores familiares que segundo o IBGE (2017) são mais de 3.600 estabelecimentos que se dedicam à produção comercial da cultura. Portanto, o alho em Santa Catarina é produto da agricultura familiar, em pequenas áreas, uso intensivo de mão de obra familiar e contratação de mão de obra eventual nos períodos de maior pico de demanda como no plantio e na colheita.

Estas características do sistema de produção do alho catarinense apontam para uma atividade de grande importância socioeconômica para o estado devido ao valor da produção e aos milhares de postos de trabalho gerados na cadeia produtiva. Nesse sentido, é fundamental a manutenção e ampliação de políticas públicas em apoio à cadeia produtiva, como pesquisa e desenvolvimento de novos cultivares, sementes livres de vírus, crédito rural, assistência técnica, Proagro e Seguro Rural, políticas públicas que contribuem para manter a atividade competitiva no mercado, visto o aumento da produção em grande escala que vem ocorrendo em estados do centro do país, como Minas Gerais e Goiás.

Preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira semana de outubro a R\$14,37/kg, apresentando redução de 2,77% em relação ao início do mês de setembro, contudo, fechou o mês de outubro cotado a R\$15,05/kg, representando aumento de 4,73% no mês. No mesmo período, o alho classe 6 passou de R\$16,18/kg para R\$16,53/kg, representando aumento de 2,16%, e o alho classe 7 fechou outubro no valor de R\$17,74/kg, redução de 0,90% no mês.

Na Central paulista, na primeira semana de novembro, os preços no atacado, para todas as classes do alho roxo nacional, tiveram redução de preços em relação ao final do mês de outubro, com variação de 5,51% para o alho classe 5, 4,41% para o alho classe 6 e 4,79% para o alho classe 7.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o alho nobre nacional, classes 4/5 apresentaram redução de preços no mês de outubro, iniciando o mês a R\$15,50/kg e passando para R\$15,00/kg no final do mês, redução de 3,3%. O alho classes 6/7, embora chegando a R\$18,00/kg entre os dias 08/10 a 15/10, iniciou e fechou o mês de outubro a R\$17,00/kg.

Produção

A safra catarinense de alho 21/22 se apresenta em desenvolvimento vegetativo no estágio de formação dos bulbos em 18% da área plantada. A área em maturação é de aproximadamente 82% da área plantada, sendo que, aproximadamente 15% desta está sendo colhida, correspondendo a aproximadamente 260 ha da área plantada com a hortaliça no estado.

As condições climáticas até o momento foram favoráveis ao bom desenvolvimento da cultura em Santa Catarina, com chuvas bem distribuídas e temperaturas adequadas à cultura de modo geral. Por consequência, as condições gerais das lavouras são consideradas boas em 80% da área plantada e em aproximadamente 20% apresenta condição média em termos fitossanitários e produtivos.

Em relação a área plantada, segundo o acompanhamento sistemático do projeto safras da Epagri/Cepa, em Santa Catarina foram plantados 1.758ha, crescimento de 2,32% em relação à estimativa inicial da safra. A expectativa de produção da hortaliça em Santa Catarina para esta safra é de 17.838 toneladas com um rendimento médio esperado de 10.147 kg/ha.

Comércio exterior

Em outubro de 2021 foram importadas apenas 2,61 mil toneladas de alho, o menor volume mensal para o mês, dos últimos cinco anos, questão que se repete desde julho do corrente ano. Nesse ano foram importadas, de janeiro a outubro 108,48 mil toneladas, enquanto que no mesmo período do ano de 2020 o volume importado foi de 150,84 mil toneladas, portanto redução de 39,04% no período comparado, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de janeiro/2017 a outubro/2021 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,51
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	11,49	3,25	2,53	2,61	-	-	108,48

Fonte: Comexstat/ME: novembro/2021.

Com relação ao preço médio (FOB) do alho importado em outubro, houve pequeno aumento em relação ao mês de setembro, passando de US\$1,16/kg, para US\$1,19/kg, ou seja, aumento de 2,58%, conforme exposto na figura 1.

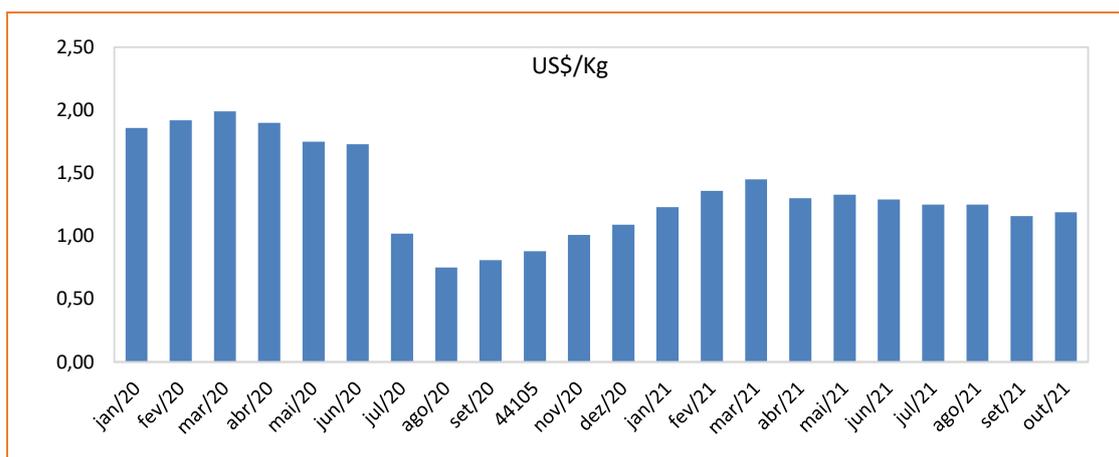
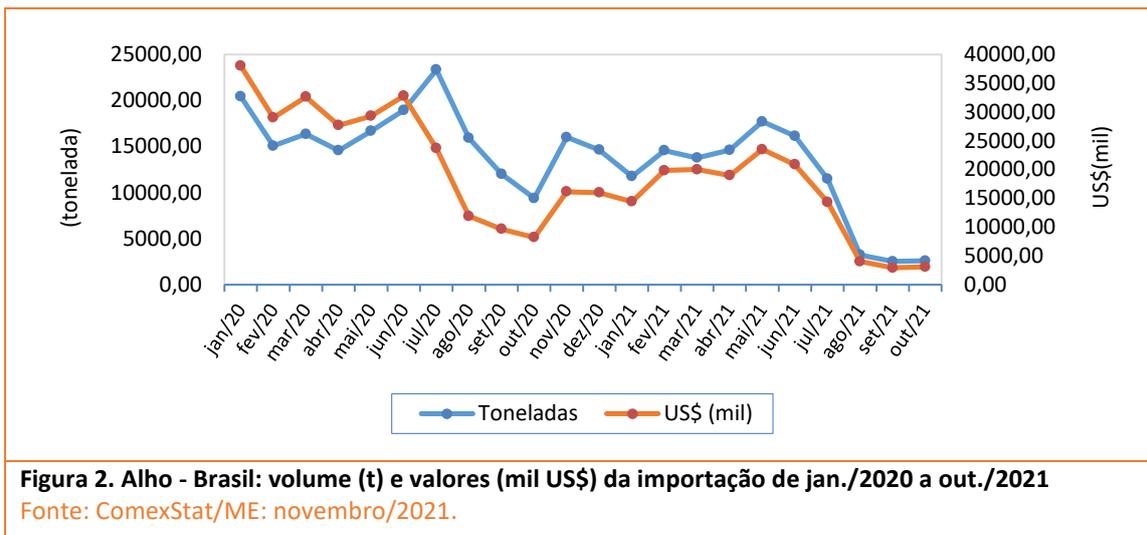


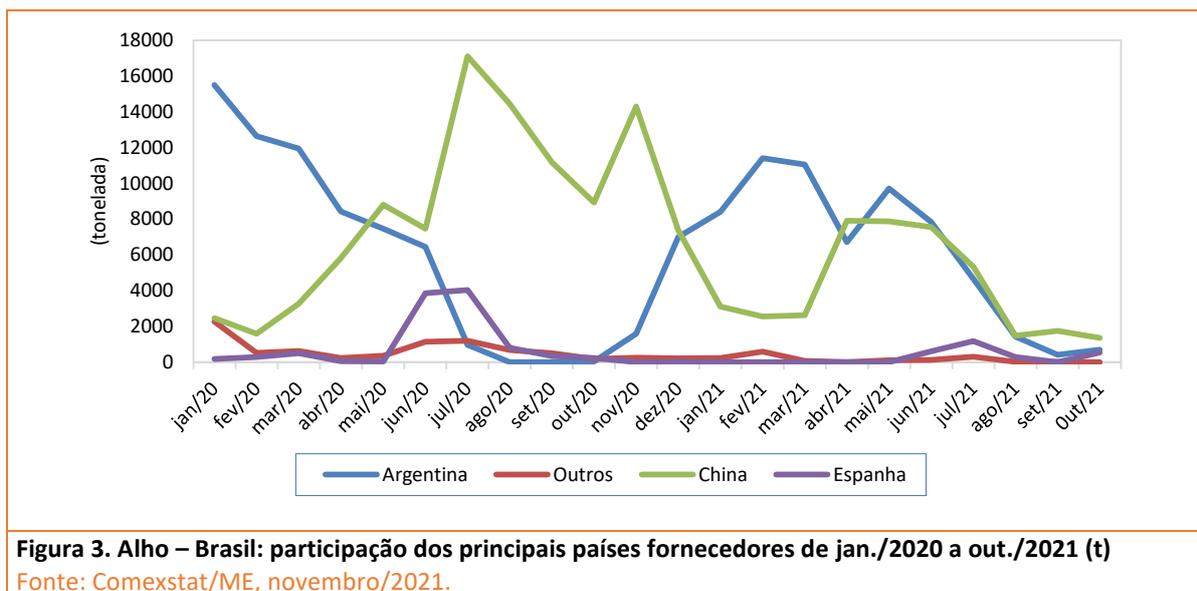
Figura 1. Alho - Brasil: evolução do preço médio (FOB) de importação – jan./2020 a out./2021 (US\$/kg)

Fonte: ComexStat/ME: novembro/2021.

Na Figura 2 apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal pelo Brasil, no período de janeiro de 2020 a outubro de 2021. O desembolso com a importação da hortaliça no mês de outubro/21 foi de US\$3,10 milhões (FOB), aumento de 5,44% em relação a setembro quando foram gastos US\$2,94 milhões. O volume importado passou de 2,53 mil toneladas para 2,61 mil toneladas, aumento de 3,16% no mesmo período.



Os fornecedores de alho para o Brasil no mês de outubro/21 foram a China, que participou com 1,37 mil toneladas, representando 52,2% do total importado, a Argentina, com 0,71 mil toneladas, 27,2% do total importado e a Espanha, com 0,54 mil toneladas, 20,53% do total importado, totalizando 2,61 mil toneladas, como indica Figura 3.



Pela importância da cadeia produtiva da hortaliça em Santa Catarina, diferentes atores da cadeia produtiva do alho estão em movimento para articular ações com o objetivo da implantação da Indicação Geográfica do alho nobre roxo como estratégia de resgate histórico da cultura no estado e promoção da valorização de atributos específicos dessa hortaliça em Santa Catarina. Por outro lado, concomitantemente ao trabalho de obtenção da IG, a cadeia produtiva também se movimenta para a necessidade de elaboração de um plano estadual para a cultura no estado catarinense. Nesse sentido, a Associação Catarinense de Produtores de Alho – Acapa, a Câmara Técnica do Alho do CDRural e cooperativas, dentre outros atores, estão empenhados com o objetivo de superar gargalos importantes na área da pesquisa, assistência técnica em geral, manejo e conservação do solo e da cultura em geral. Nesse sentido, um dos principais desafios para alcançar solução técnica de maior automação de algumas atividades altamente demandadoras de mão-de-obra, como o plantio e a colheita, por exemplo. Dessa forma, a cadeia produtiva do alho catarinense pode dar um passo importante e necessário para alcançar maior competitividade no mercado e manter a cultura do alho como alternativa de trabalho e renda para o segmento da agricultura familiar no estado.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A safra catarinense de cebola se aproxima do final do ciclo produtivo, sendo que aproximadamente 20% da área plantada se encontra em desenvolvimento vegetativo e pouco mais de 70% se encontra na fase final de formação dos bulbos. Aproximadamente 10% da área plantada, cujos materiais são cultivares super precoces estão em maturação ou colheita.

As condições climáticas durante praticamente todo o ciclo de desenvolvimento foram favoráveis para a cultura, exceto em alguns períodos do mês de outubro quando ocorreram chuvas mais frequentes criando as condições para o desenvolvimento de doenças foliares. Essa condição obrigou os produtores a intensificar a aplicação de agrotóxicos para o controle de doenças em geral com consequente aumento do custo de produção.

Preços e Mercado

O abastecimento do mercado nacional de cebola nos últimos meses foi viabilizado pela produção das regiões de São Paulo, Nordeste, Cerrado e Triângulo Mineiro. No mês de outubro, a oferta de cebola foi elevada afetando os preços de forma geral. Desta forma, grande parte dos produtores comercializaram sua produção a preços abaixo do custo de produção. As pequenas melhorias de preço ocorridas no mês foram provocadas pela redução do ritmo de colheita nas principais regiões produtoras devido a ocorrência de chuvas que contribuíram para a redução da oferta da mercadoria, porém, por outro lado, afetaram a qualidade do produto de alguma forma.

Com a aproximação do final da colheita das safras paulista, Cerrado e Triângulo Mineiro, o final do mês fechou com melhoria nos preços de forma geral, conjuntura que favorece a entrada da produção sulista que se inicia nesse mês de novembro.

Na Ceagesp/SP, o mês de outubro iniciou com preço da cebola média a R\$1,41/kg, valor que representa redução de 9,92% em relação aos preços praticados no início de setembro, que foi de R\$1,55/kg, porém fechando o mês novamente a R\$ 2,08/kg, aumento de 47,51%.

O mês de novembro iniciou com cotações se mantendo nos patamares do final de outubro para a cebola média nacional, atingindo no dia 12/11 o valor de R\$2,40/kg, aumento de 70% em relação ao início do mês de outubro.

Na Ceasa/SC (Unidade de São José), o mês de outubro iniciou com preço de atacado para a cebola nacional a R\$1,10/kg, redução de 21,4% em relação ao início do mês de setembro. A partir da segunda quinzena, os preços tiveram aumento passando a R\$1,25/kg, aumento de 13,63%. O mês fechou com novos aumentos passando a R\$1,75/kg, preço que se manteve nas primeiras semanas de novembro. No mesmo período, a cebola importada da Argentina permaneceu com preço estável, sendo comercializada a R\$2,25/kg, mesmo valor do mês de setembro.

Safra Catarinense

Conforme dados do acompanhamento de campo do projeto safras da Epagri/Cepa, a safra catarinense de cebola 21/22 se encontra em desenvolvimento, sendo que aproximadamente 10% da área plantada já está sendo colhida. Conforme dados do projeto safras da Epagri/Cepa as estimativas de produção para a safra 21/22 são de que Santa Catarina plantou 17.458ha, com produção estimada de 504,26 mil toneladas mantidas as condições atuais de desenvolvimento da safra.

No mês de outubro, a ocorrência de chuvas prolongadas no estado propiciou condições para o desenvolvimento de doenças que afetaram de alguma forma a produção da safra catarinense, porém sem

maiores problemas para o volume de produção esperado. A maior consequência para os produtores foi a necessidade de intensificar as pulverizações com agrotóxicos provocando aumento do custo de produção.

Importação

De acordo com os dados do Siscomex/ME, em 2020, o Brasil importou 197,7 mil toneladas de cebola, volume 6,51% menor que no ano de 2019. Tradicionalmente o período do ano em que, há maior volume de entrada de cebola estrangeira no país são os meses de março, abril, maio e junho. Nesse ano, devido à grande oferta do produto nacional, associada ao câmbio elevado, desde o mês de maio há significativa redução da importação, se comparado aos anos anteriores. Os volumes importados de janeiro a outubro do corrente ano somam 115,4 mil toneladas, redução de 82,35 mil toneladas em relação ao mesmo período do ano passado, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2018 a setembro de 2021 (t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2018	417	6.549	22.546	37.380	34.323	14.422	162	115	115	230	491	1.136	117.886
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	641	197.753
2021	911	14.808	26.040	46.934	22.833	2.966	194	168	218	327	-	-	115.399

Fonte: ComexStat/ME, novembro/2021.

Historicamente o Brasil é um mercado importante para a cebola produzida em alguns países, notadamente para a Argentina, Chile e Países Baixos, como pode ser visto na tabela 2. Nela apresentamos os principais países fornecedores da hortaliça no ano de 2020 e de janeiro a outubro de 2021, com os respectivos volumes e valores totais em US\$ (FOB).

Em 2020 destacam-se, a Argentina, com volume de 155,09 mil toneladas, perfazendo 78,43% do total importado, Chile, com 23,14 mil toneladas, 11,70% do total e os Países Baixos com 14,3 mil toneladas, perfazendo 7,23% do total importado

Em 2021, importamos dos vizinhos argentinos até setembro, 98,06 mil toneladas, 84,97% do volume total. A seguir vem os Países Baixos com 8,65 mil toneladas, 7,49% do total e o Chile com 7,15 mil toneladas significando 6,20% do total importado. O preço médio (FOB) em 2020 foi de US\$0,21/kg e em 2021, se mantém em US\$0,223/kg, aumento de 5,8% em relação à média do ano passado. As poucas mais de 115 mil toneladas importadas nesse ano custaram ao Brasil um desembolso total de US\$25,7 milhões (FOB).

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2020 e 2021 (janeiro a setembro)

Países	2020		2021	
	(mil US\$) FOB	Volume (t)	(mil US\$)	Volume (t)
Argentina	26.244,2	155.098,9	19.162,26	98.060,52
Chile	8.782,1	23.142,5	2.888,34	7.155,42
Países Baixos	4.976,5	14.301,9	3.161,48	8.651,10
Espanha	2.080,8	4.751,5	409,52	1.147,64
Nova Zelândia	118,2	234,0	58,3	104
Uruguai	0,00	0,00	84,93	224,55
Peru	49,5	122,0	0,00	0,00
Reino Unido	29,6	78,0	0,00	0,00
Bélgica	11,0	28,0	0,00	0,00
Total	42.291,9	197.756,7	25.764,83	115.400

Fonte: ComexStat/ME, novembro/2021.

Em outubro foram importadas apenas 0,327 mil toneladas de cebola, menor volume para os últimos três anos para o mês, mas significando aumento de 49,78% em relação a setembro, quando foram importadas 0,218 mil toneladas (Figura 1). Nesse sentido, o câmbio com cotação do dólar elevada favorece a produção nacional que pode beneficiar diretamente a safra catarinense que será comercializada a partir desse mês.

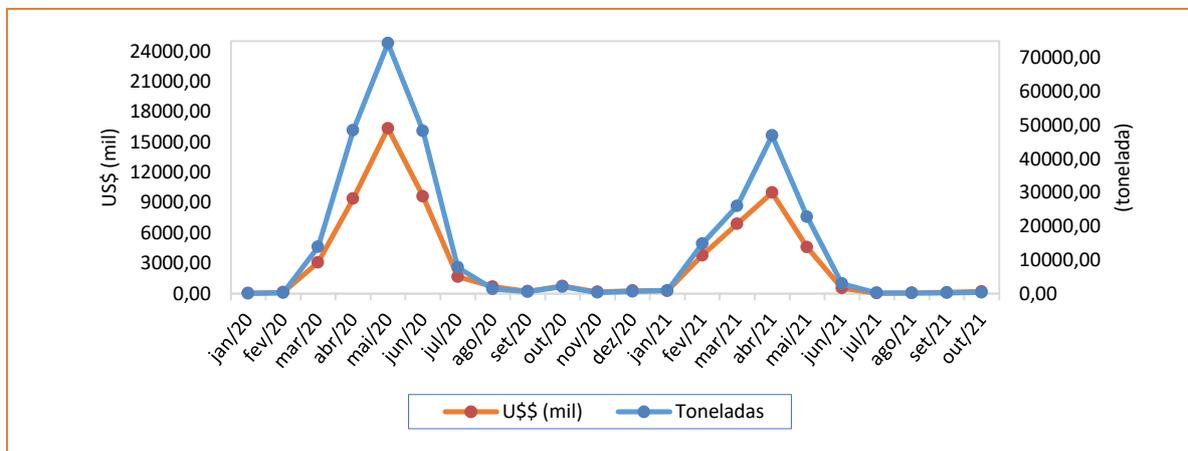


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mensal de jan./2020 a out./2021

Fonte: ComexStat/ME, novembro/2021.

No mês de outubro a Espanha foi o único fornecedor de cebola para o Brasil, com volume de apenas 327 toneladas, conforme mostra o comportamento das importações apresentado na Figura 2 a partir dos dados do Comexstat do ministério da economia.

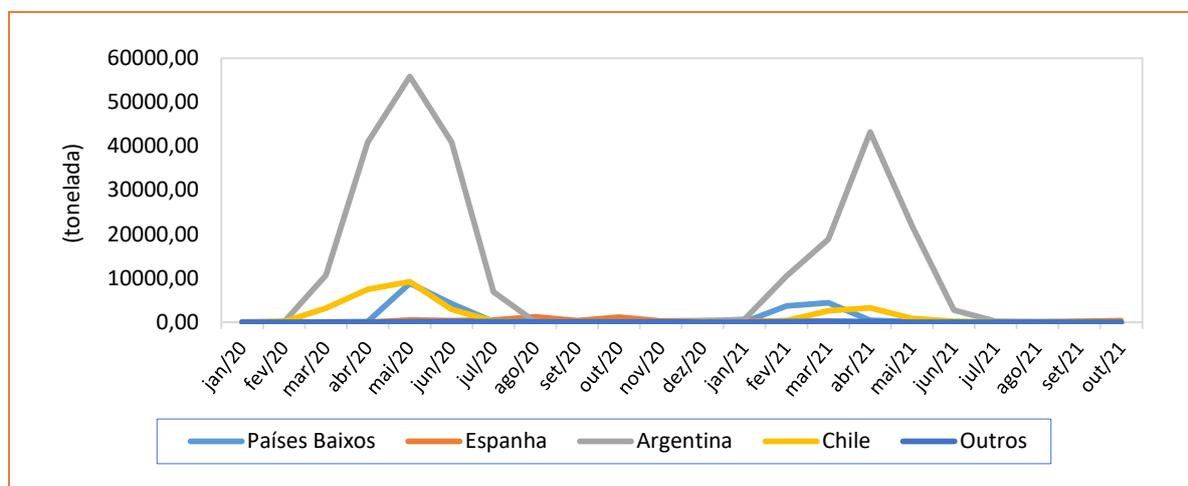


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores – jan./2020 – out./2021

Fonte: ComexStat/ME, novembro/2021.

De acordo com as informações do acompanhamento sistemático de safras realizado pela Epagri/Cepa, a cultura da cebola na safra 21/22 em Santa Catarina se desenvolveu até o mês de outubro em condições fitossanitárias muito boas. Porém, as precipitações por períodos mais longos na segunda quinzena de outubro provocaram, localizadamente, a ocorrência de algumas doenças nas regiões produtoras, à princípio sem afetar significativamente a previsão do volume de produção esperado para Santa Catarina neste ano.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de novembro, os preços do frango vivo apresentam movimentos distintos, de acordo com o estado. Quando comparados aos preços do mês anterior, São Paulo e Paraná registraram quedas de 9,6% e 0,6%, respectivamente. Por outro lado, Santa Catarina apresentou alta de 1,4% no mesmo período. Em relação a novembro de 2020, as variações são positivas nos três casos: 31,9% no Paraná, 28,8% em Santa Catarina e 27,4% em São Paulo. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 10,8%, segundo o IPCA/IBGE.

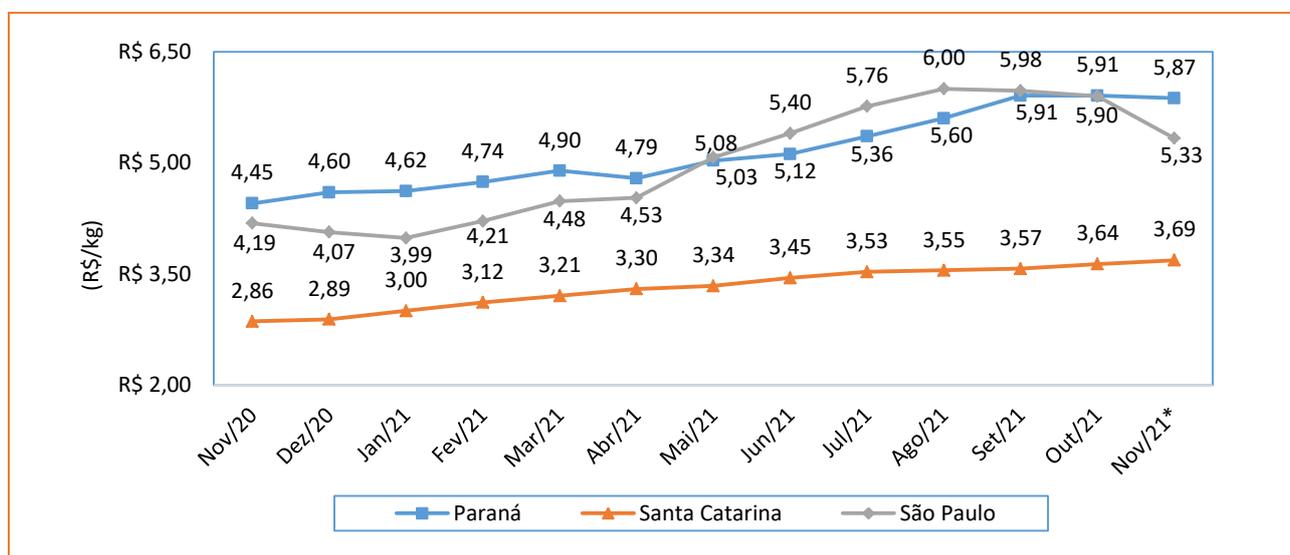


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

^(*)Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/nov./2021.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

De acordo com pesquisadores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea – Esalq/USP), as quedas observadas na maioria dos estados são decorrentes das vendas mais lentas, em razão do baixo poder aquisitivo de parcela significativa da população e dos elevados índices de desemprego.

Em Santa Catarina, registraram-se altas em todas as praças na comparação entre as primeiras semanas de novembro e a média do mês anterior: 0,5% em Chapecó, 0,8% no Sul Catarinense e 3,6% em Joaçaba.

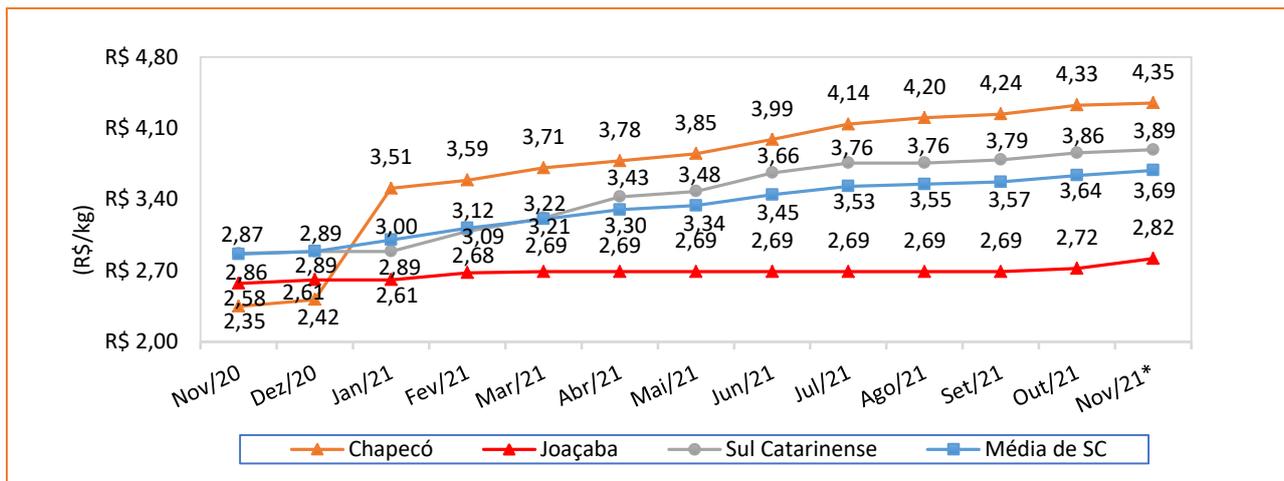


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio^(*) pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)⁽¹⁾
 Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.
^(*)Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/nov./2021.
 Fonte: Epagri/Cepa.

No período de 1 a 17 deste mês predominaram os movimentos de queda nos preços da carne de frango no mercado atacadista. Dos quatro cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, três apresentaram variação negativa em relação a outubro: coxa/sobrecoxa congelada (-3,3%), frango inteiro congelado (-1,8%) e filé de peito congelado (-1,0%). Somente o peito com osso congelado apresentou leve alta (0,5%). A variação média foi de -1,4%. Essa queda interrompeu um movimento de alta que perdurava desde meados de fevereiro. A alta acumulada no ano é de 30,0%.

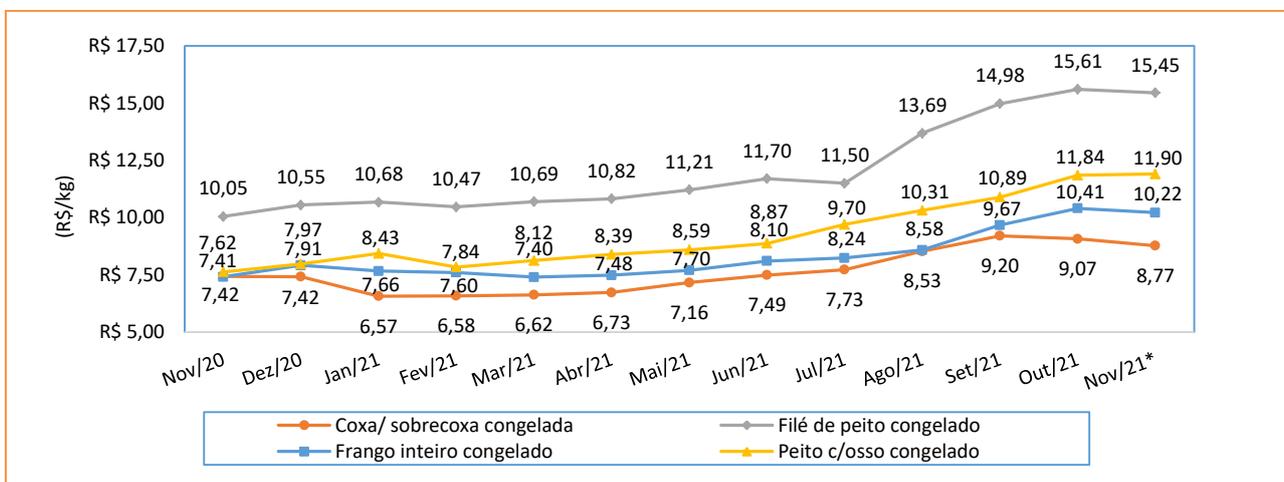


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)
^(*)Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/nov./2021.
 Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores preliminares de novembro com o mesmo mês de 2020, verifica-se que todos os cortes apresentaram altas significativas: peito com osso (56,1%), filé de peito (53,7%), frango inteiro (37,9%) e coxa/sobrecoxa (18,2%). A variação média no período foi de 41,5%.

Custos

Em outubro, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango) registrou alta de 1,0% em relação ao mês anterior. A alta acumulada nos últimos 12 meses é de 22,6%, decorrente essencialmente do aumento nos gastos com nutrição. No ano, a alta é de 19,7%.

A relação de equivalência insumo-produto apresentou queda nas primeiras semanas de novembro, seguindo a tendência observada nos três meses anteriores. A variação em relação ao mês anterior é de -5,0%, resultante da queda de 4,6% no preço de atacado do milho na praça de Chapecó e da alta de 0,5% no preço do frango vivo. Quando se compara o valor atual com novembro de 2020, observa-se queda de 23,5% nesse indicador.

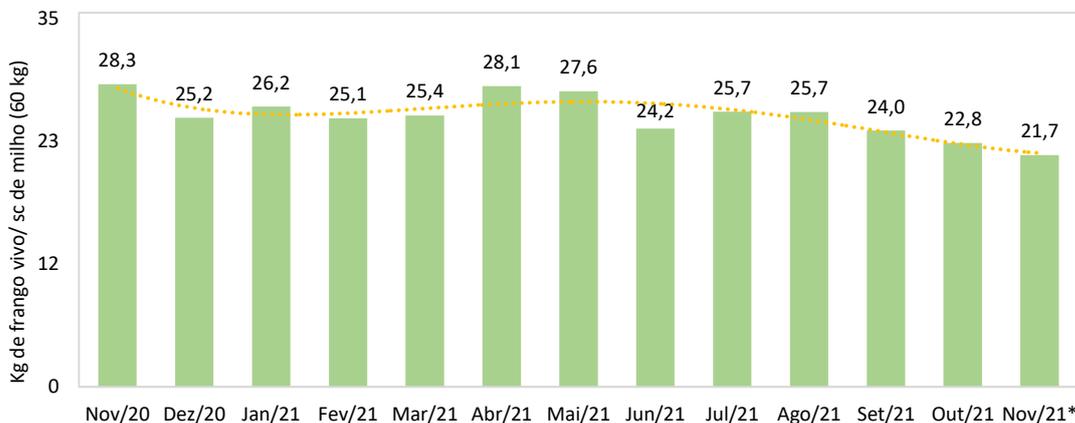


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho
Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

(*)O valor de novembro é preliminar, relativo ao período de 1 a 17/nov./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Em novembro de 2020, eram necessários 28,3kg de frango vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho, enquanto no corrente mês são necessários 21,7kg para adquirir o mesmo produto.

Comércio exterior

Em outubro, o Brasil exportou **384,10 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), queda de **5,4%** em relação ao mês anterior, mas alta de **23,4%** na comparação com outubro de 2020. As receitas foram de **US\$700,08 milhões**, **-2,2%** em relação a setembro, mas alta de **60,0%** na comparação com outubro do ano passado.

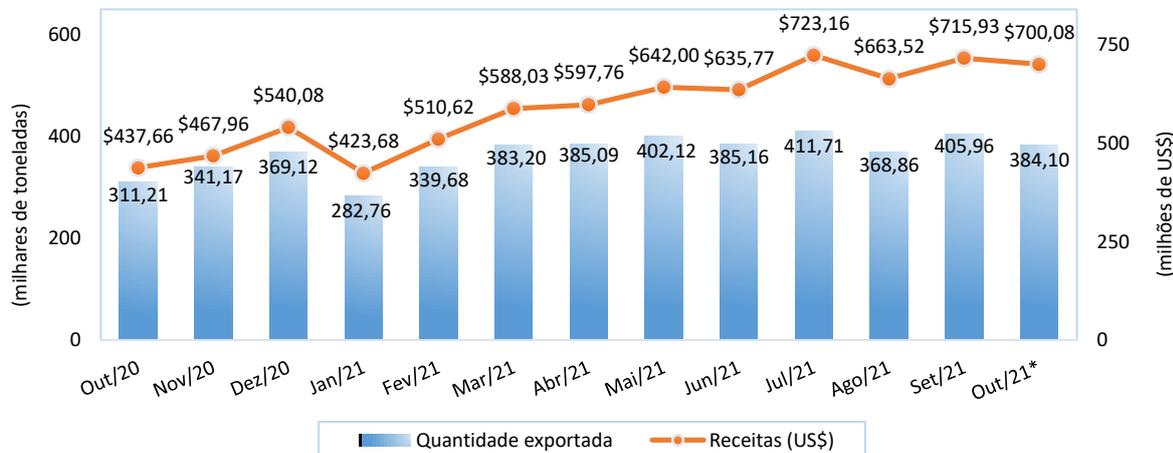


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

De janeiro a outubro, o Brasil exportou **3,75 milhões de toneladas**, com receitas de **US\$6,20 bilhões**, alta de **9,8%** em quantidade e de **24,5%** em valor na comparação com mesmo período do ano passado.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango nos primeiros dez meses do ano foram, na ordem: China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, responsáveis por 50,7% das receitas.

Santa Catarina exportou **90,90 mil toneladas** de carne de frango em outubro (*in natura* e industrializada), queda de **11,6%** em relação ao mês anterior, mas alta de **23,7%** na comparação com outubro de 2020. As receitas foram de **US\$171,91 milhões**, **-8,3%** em relação ao mês anterior e alta de **57,5%** na comparação com outubro de 2020.

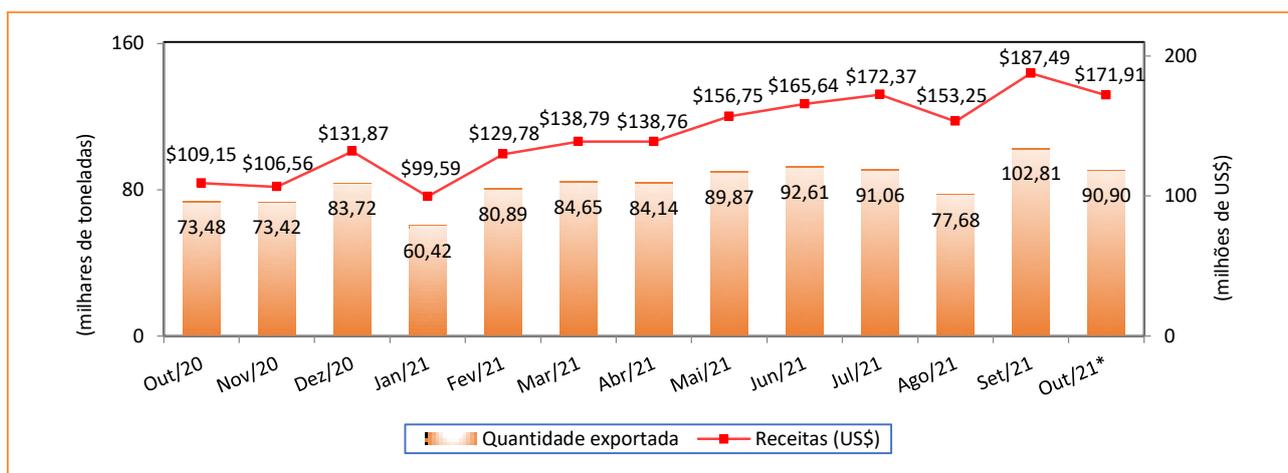


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em outubro foi de **US\$1.815/tonelada**, alta de **3,4%** em relação ao mês anterior e de **29,4%** na comparação com outubro de 2020.

De janeiro a outubro, Santa Catarina exportou um total de **855,02 mil toneladas**, com receitas de **US\$1,51 bilhão**, alta de **5,8%** em quantidade e de **20,3%** em valor, na comparação com o mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **24,4%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango nos dez primeiros meses do ano.

A Tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense neste ano, os quais responderam por 56,8% das receitas e 51,4% da quantidade exportada pelo estado.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a out. de 2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	246.775.143,00	133.039
China	168.871.873,00	86.978
Países Baixos (Holanda)	153.591.110,00	63.654
Arábia Saudita	147.562.636,00	79.309
Emirados Árabes Unidos	144.067.904,00	78.558
Demais países	653.472.539,00	413.480
Total	1.514.341.205,00	855.018

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos do frango catarinense, sete apresentaram alta nas receitas acumuladas no ano, com destaque para Japão (22,3%), Arábia Saudita (41,6%) e Emirados Árabes Unidos (51,7%). Por outro lado, variações negativas foram observadas nas receitas dos embarques para três dos principais importadores, com destaque para China (-7,3%).

Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), é possível que nos próximos meses surjam novas oportunidades de exportação para a carne de frango brasileira, já que diversos países do Hemisfério Norte registraram crescimento de casos de gripe aviária recentemente, o que deverá impactar a produção dos mesmos.

Produção

De acordo com os dados preliminares divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de julho a setembro registrou-se o abate de 1,53 bilhão de frangos no Brasil, alta de 1,2% em relação ao mesmo período de 2020 e 0,6% acima do trimestre anterior.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de novembro, os preços do boi gordo apresentaram novamente quedas na maioria dos estados acompanhados, conforme vem sendo observado nos últimos 3 meses. Em relação ao mês anterior, os valores preliminares de novembro apresentam as seguintes variações: -3,9% em Santa Catarina, -2,5% no Mato Grosso, -2,3% em Goiás, -2,2% no Paraná, -1,9% no Mato Grosso do Sul e -0,7% em Minas Gerais. Rio Grande do Sul e São Paulo apresentaram variações positivas no período: 1,5% e 0,1%, respectivamente.

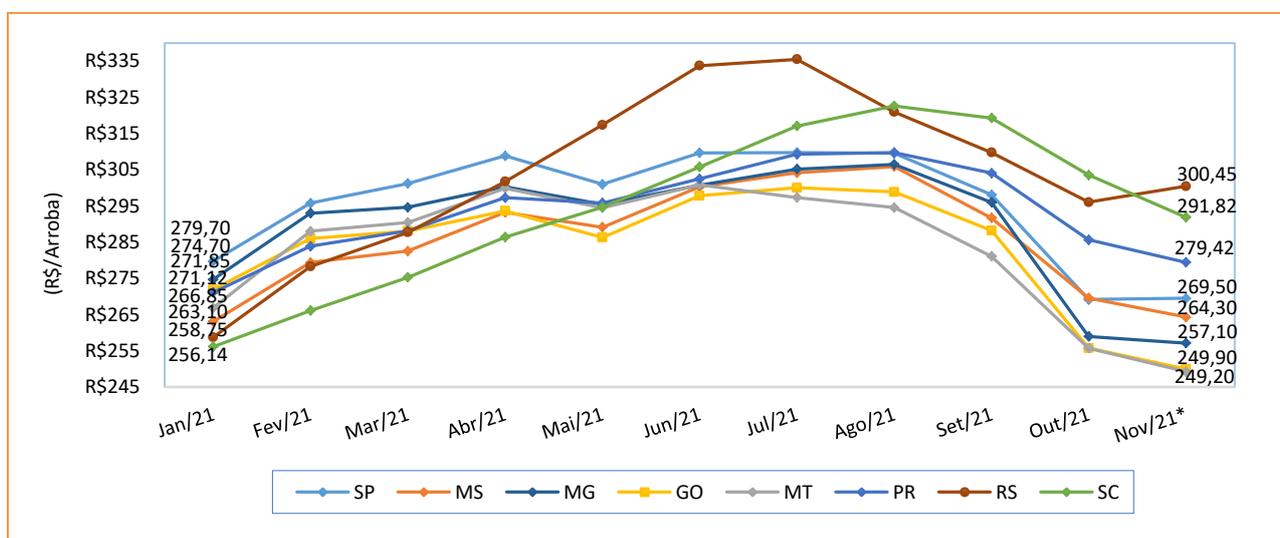


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

(*) Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/nov./2021.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro.

O principal fator responsável por esse cenário é o bloqueio das exportações para a China, destino de mais da metade da carne bovina brasileira exportada, em decorrência da detecção de dois casos de encefalopatia espongiforme bovina (EEB) atípica, no início de setembro. Com isso, amplia-se a oferta de carne no mercado interno e, conseqüentemente, os preços tendem a cair.

Não obstante a predominância de variações negativas, vale destacar que o cenário melhorou em relação ao mês anterior, quando chegou a se observar quedas de até 12,5%, como foi o caso de Minas Gerais. A análise dos preços diários de novembro demonstra tendência de alta em todos os estados analisados, o que significa que o mês deve finalizar com quedas menos expressivas ou, até mesmo, variações positivas em quase todos os casos. Há dois fatores por trás dessa retomada na elevação dos preços, mesmo num cenário de queda das exportações: em primeiro lugar, os últimos meses do ano são caracterizados por uma maior demanda de carne bovina, tendo em vista as festividades do período e a injeção de recursos do 13º salário na economia; em segundo, o período também é caracterizado por uma menor disponibilidade de animais prontos para abate, já que, na maioria dos estados produtores, as pastagens ainda encontram-se em recuperação após o período de “entressafra” (com pouca chuva). Resta saber o quanto as incertezas e a crise econômica que o país enfrenta afetarão o crescimento sazonal da demanda.

Na comparação entre os preços praticados em novembro de 2020 com os valores atuais, são observadas situações distintas, de acordo com o estado, mas com predominância de movimentos de queda: -6,8% em

Goiás, -6,5% no Mato Grosso, -5,3% em Minas Gerais, -3,3% em São Paulo e -1,8% no Mato Grosso do Sul. Por outro lado, variações positivas são registradas nos três estados da Região Sul: 20,6% no Rio Grande do Sul, 15,2% em Santa Catarina e 2,7% no Paraná. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 10,8%, segundo o IPCA/IBGE.

As duas praças de referência do preço do boi gordo em Santa Catarina apresentam variações negativas nos preços de novembro, quando comparados ao mês anterior: -9,4% em Chapecó e -5,7% em Lages. Em relação a novembro de 2020, se verificam altas nos dois casos: 16,0% em Chapecó e 11,9% em Lages.

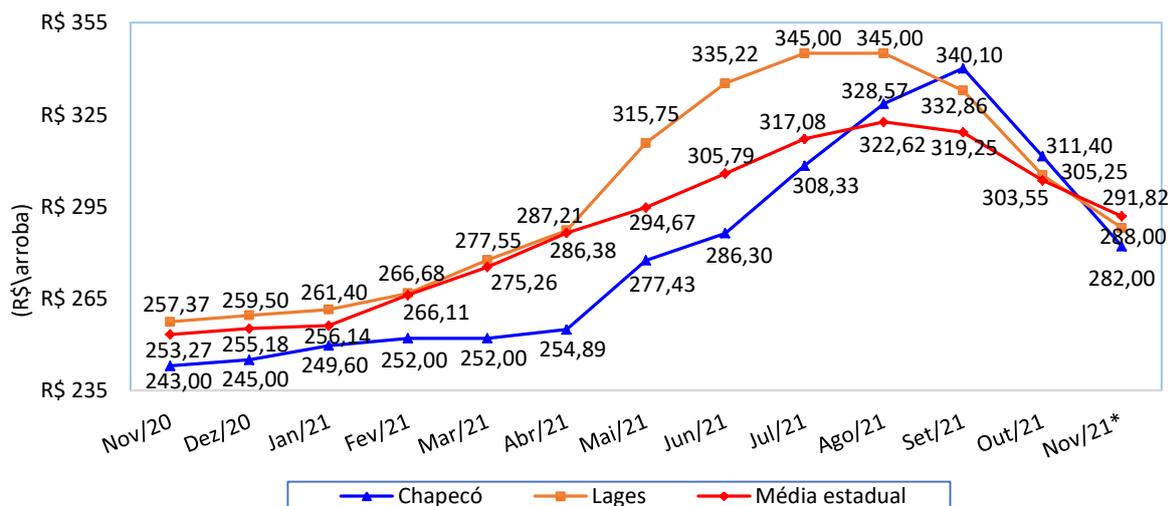


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

(*Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/nov./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne bovina apresentaram quedas nas primeiras semanas de novembro: a carne de traseiro caiu 2,8% em relação ao mês anterior, enquanto a carne de dianteiro registrou queda mais expressiva, de 8,4%. Na média dos dois tipos de corte, a variação foi de -5,6%. No acumulado do ano, se registra alta de 15,4% no preço médio.

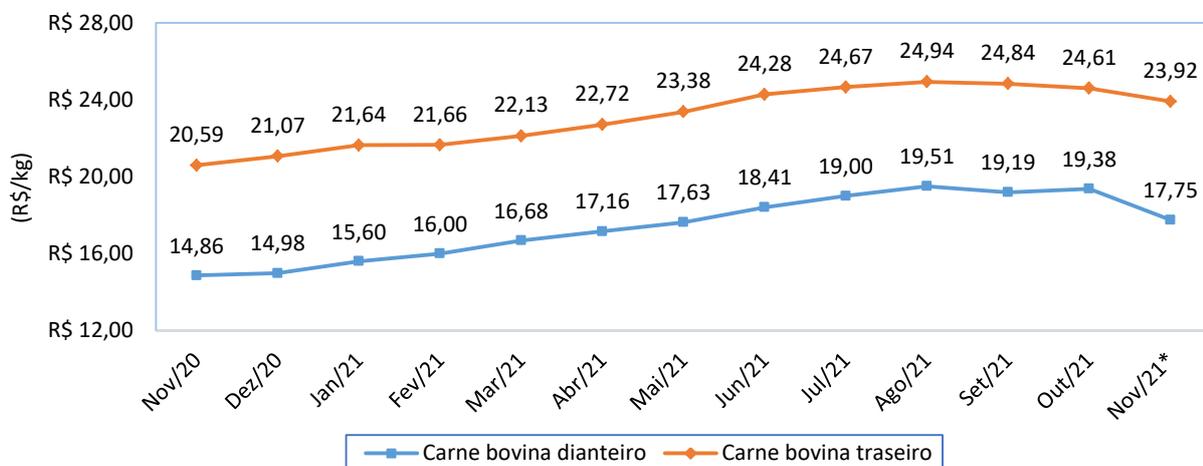


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

(*Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/nov./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores atuais e aqueles praticados em novembro de 2020, observam-se altas de 19,4 % para a carne de dianteiro e de 16,2% para a carne de traseiro, com média de 17,8%.

Custos

Nas primeiras semanas de novembro, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresentaram variações negativas nos preços pagos ao produtor pelo terceiro mês seguido. Em relação a outubro, as quedas são de 3,6% para os bezerros de até 1 ano e 2,9% para os novilhos de 1 a 2 anos. Na comparação com novembro de 2020, as variações ainda são positivas: 34,6% para os bezerros e 46,0% para os novilhos.

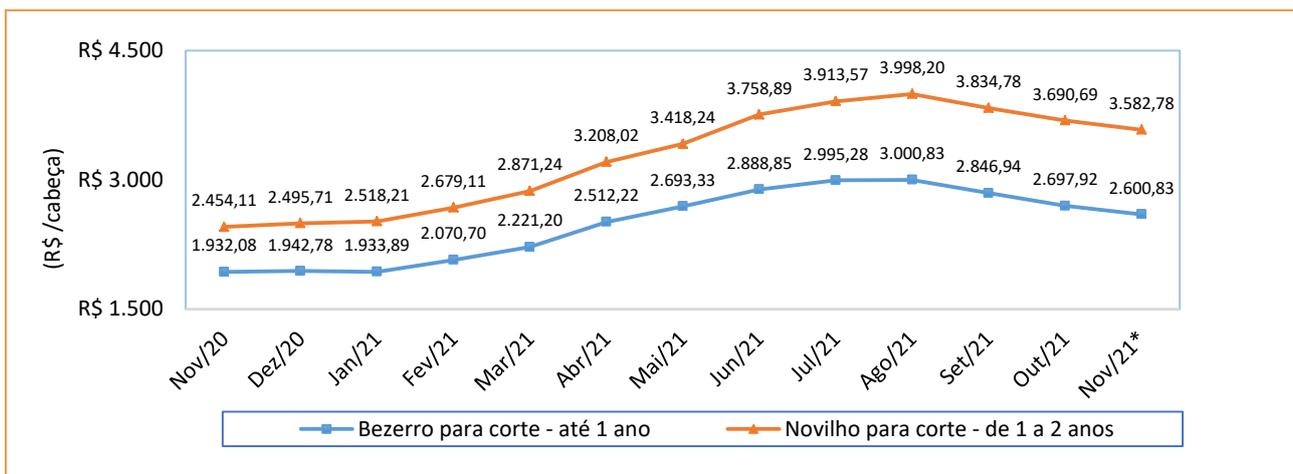


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

(*Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/nov./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em outubro, o Brasil exportou **107,86 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), queda de **49,1%** na comparação com o mês anterior e de **42,9%** em relação a outubro de 2020. As receitas foram de **US\$539,81 milhões**, **-54,5%** em relação ao mês anterior e **-31,6%** na comparação com outubro de 2020. Esse é o menor volume mensal exportado desde junho de 2018, quando os embarques foram severamente afetados pela paralisação de caminhoneiros e empresas do setor de transporte de cargas.

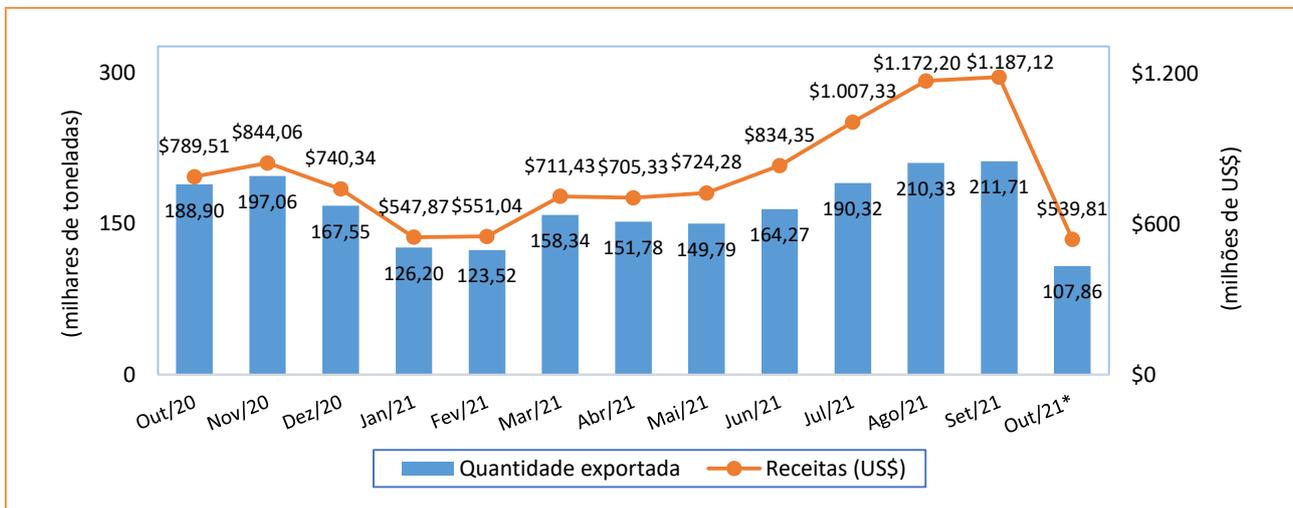


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Esses resultados são decorrentes, principalmente, da suspensão das exportações para a China, principal comprador brasileiro, após a confirmação de dois casos atípicos de encefalopatia espongiforme bovina (conhecida como “vaca louca”) no Brasil, no mês de setembro.

Apesar do embargo, em outubro ainda foram exportadas 8,20 mil toneladas de carne bovina para a China, o que representa uma queda de 90,3% em relação a outubro de 2020 e -92,7% na comparação com setembro deste ano. Outros importantes destinos também apresentaram quedas em outubro, quando comparados ao mesmo período do ano anterior, com destaque para Hong Kong (-21,3%), Itália (-31,5%) e Egito (-57,3%).

De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex/ME), a média diária de carne bovina embarcada nas duas primeiras semanas de novembro foi de 4,7 mil toneladas, recuo de 42,9% frente à média do mesmo período do ano passado. Não há previsão de retomada das compras chinesas no curto prazo, o que sinaliza para novos resultados negativos no último bimestre do ano. Segundo alguns analistas, ao dar continuidade ao embargo, a China favorece a suinocultura daquele país, já que o setor passa por uma crise nos últimos meses em função do rápido crescimento da produção e consequente queda nos preços.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo país em outubro foi de **US\$5.790/tonelada**, mesmo valor do mês anterior e **36,4%** acima de outubro de 2020.

De janeiro a outubro, o Brasil exportou **1,59 milhão de toneladas** de carne bovina, com **US\$7,98 bilhões** em receitas, queda de **3,2%** em volume, mas alta de **15,8%** em valor na comparação com o mesmo período de 2020. A participação de China e Hong Kong, que desde o ano passado superava o patamar de 60%, caiu para 57,8% das receitas com as exportações desse produto no ano.

Apesar dos resultados de outubro, a China segue apresentando variação positiva no acumulado no ano, com alta de 21,3% nas receitas oriundas dos embarques. Outros países que apresentam variações positivas são Estados Unidos (104,8%) e Chile (53,0%). Dois países apresentaram variações negativas nas receitas dos embarques realizados em 2021: Hong Kong (-19,2%) e Egito (-45,7%).

Santa Catarina exportou **164 toneladas** de carne bovina em outubro, com faturamento de **US\$617 mil**, quedas de 30,1% e 27,5% em relação ao mês anterior, respectivamente. No acumulado do ano, o estado exportou **2,62 mil toneladas**, com receitas de **US\$9,96 milhões**, queda de 0,7% em quantidade, mas alta de 22,8% em receitas.

Produção

De acordo com os dados preliminares divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de julho a setembro registrou-se o abate de 6,91 milhões de bovinos no Brasil, queda de 11,1% em relação ao mesmo período de 2020 e 2,4% menos que o montante abatido no 2º trimestre de 2021.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de um breve período de recuperação, verificado a partir da última semana de setembro, no final de outubro e início de novembro os preços do suíno vivo registraram novamente variações negativas em todos os estados analisados (Figura 1). Segundo pesquisadores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea – Esalq/USP), a demanda pela carne suína desaqueceu devido à diminuição na renda da maior parte dos consumidores, reforçada pela inflação elevada. Os frigoríficos, por sua vez, limitaram a demanda por novos lotes de animais para abate, o que resulta em queda nos preços pagos ao produtor. A desaceleração nas exportações, observada em outubro, também

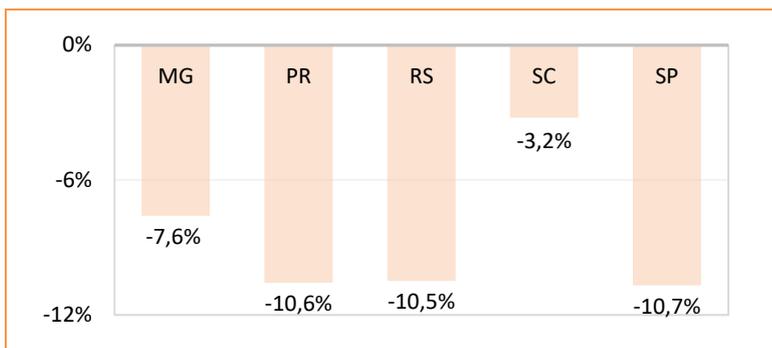


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (outubro/novembro de 2021*)

(*) Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/nov./2021.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

contribuiu para o aumento da oferta no mercado interno. Por outro lado, a análise dos preços diários demonstra uma leve reação em alguns estados a partir da segunda semana de novembro, possivelmente associada ao aumento sazonal na demanda em função das festividades de final de ano, o que pode indicar alguma recuperação ao longo das próximas semanas. Quando se comparam os preços preliminares do mês corrente com aqueles praticados em novembro de 2020, observam-se quedas em todos os estados analisados: -33,0% no Rio Grande do Sul, -32,6% no Paraná, -31,9% em São Paulo, -26,1% em Minas Gerais e -19,3% em Santa Catarina. A inflação acumulada no período foi de 10,8%, segundo o IPCA/IBGE.

contribuiu para o aumento da oferta no mercado interno.

Por outro lado, a análise dos preços diários demonstra uma leve reação em alguns estados a partir da segunda semana de novembro, possivelmente associada ao aumento sazonal na demanda em função das festividades de final de ano, o que pode indicar alguma recuperação ao longo das próximas semanas.

Quando se comparam os preços preliminares do mês corrente com aqueles praticados em novembro de 2020, observam-se quedas em todos os estados analisados: -33,0% no Rio Grande do Sul, -32,6% no Paraná, -31,9% em São Paulo, -26,1% em Minas Gerais e -19,3% em Santa Catarina. A inflação acumulada no período foi de 10,8%, segundo o IPCA/IBGE.

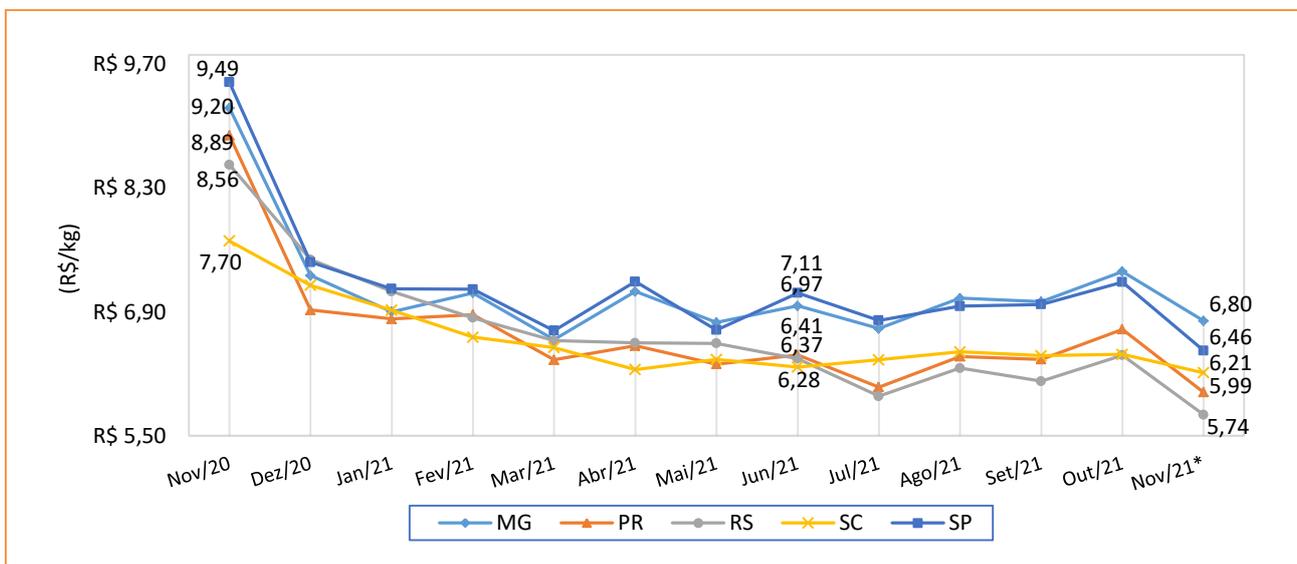


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

(*) Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/nov./2021.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Em Santa Catarina, os valores preliminares do suíno vivo na praça de Chapecó apresentaram quedas de 1,0% para o produtor independente e de 0,8% para o integrado nas primeiras semanas de novembro. Na comparação com novembro de 2020, os preços pagos aos produtores independentes caíram 27,5%, enquanto os integrados registraram queda de 6,8%.

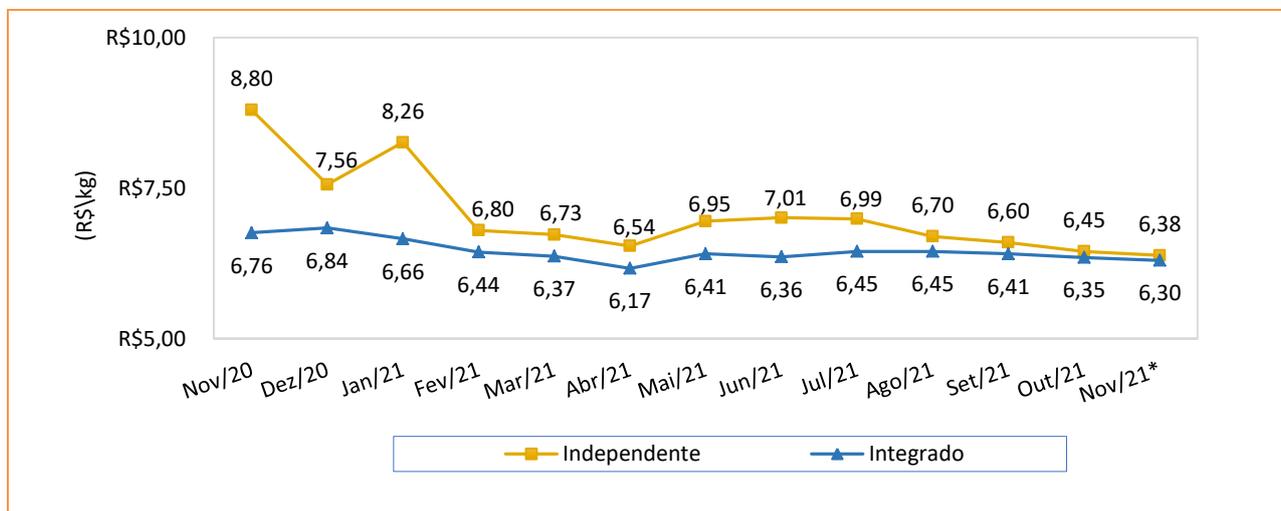


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

^(*)Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/nov./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de novembro, os preços de atacado da carne suína apresentaram movimentos de queda significativos em relação ao mês anterior: pernil (-6,2%), carré (-4,9%), carcaça (-4,7%), costela (-3,7%) e lombo (-2,7%). Na média de todos os cortes, a variação foi de -4,4%. No acumulado do ano, verifica-se queda de 14,8% no preço médio de atacado da carne suína.

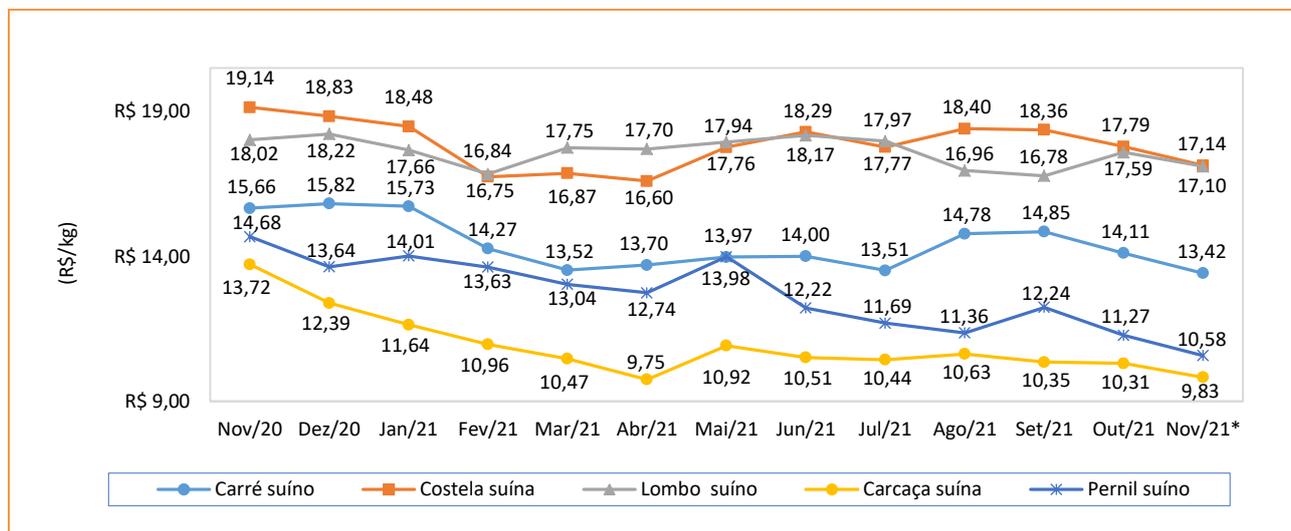


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

^(*)Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/nov./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Além da demanda interna enfraquecida por conta da crise econômica, o embargo chinês para a carne bovina brasileira também tem seu papel na construção desse cenário de queda dos preços. Com a redução das exportações dessa proteína e aumento de disponibilidade no mercado interno, seus preços apresentaram variação negativa, atraindo novamente parte dos consumidores que haviam deixado de

consumi-la. Com isso, suas concorrentes, como é o caso da carne suína, também tendem a sofrer pressão de queda. Caso a China siga vetando a carne bovina brasileira, analistas acreditam que o preço da carne suína e do animal vivo caiam ainda mais ao longo das próximas semanas.

Ao comparar os valores preliminares de novembro com o mesmo mês de 2020, são observadas variações negativas em todos os cortes: carcaça (-28,4%), pernil (-28,0%), carré (-14,3%), costela (-10,5%) e lombo (-5,1%). Na média dos cinco cortes, verifica queda de 17,2%.

Custos

Em outubro, o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$6,80/kg de peso vivo, queda de 1,0% em relação ao mês anterior. A alta nos últimos 12 meses é de 10,3%, enquanto a alta acumulada no ano é de 3,8%. A alimentação representou 81,6% dos custos de produção dos suínos no último mês.

Nas primeiras semanas de novembro, os preços dos leitões apresentaram pequenos movimentos de queda. Em relação ao mês anterior, os leitões de aproximadamente 22kg caíram 0,6%, enquanto os leitões de 6 a 10kg tiveram queda de 0,3%. Na comparação com novembro de 2020, também se observam quedas em ambas as categorias: -3,5% para os leitões de 6 a 10kg e -4,2% para os leitões de aproximadamente 22kg.

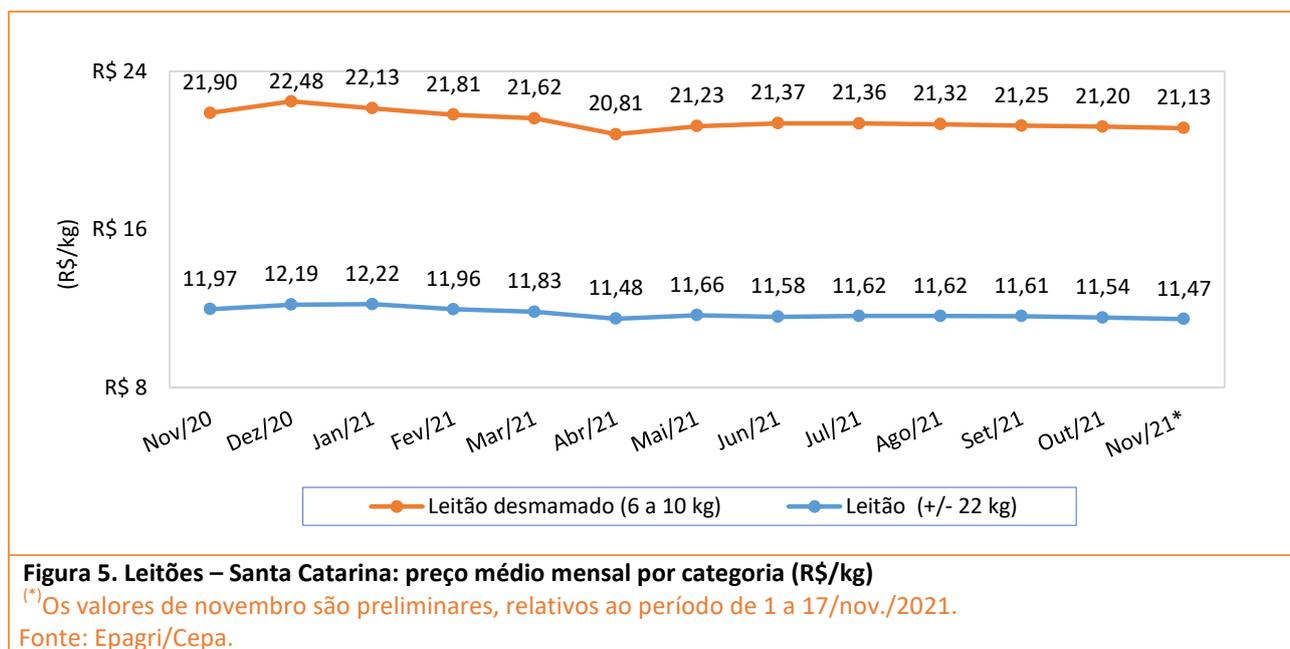


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

(*) Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/nov./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

A relação de equivalência insumo-produto apresenta variação de -3,7% nas primeiras semanas de novembro em relação ao mês anterior, resultado decorrente, principalmente, da queda de 4,6% no preço do milho, parcialmente suprimida pela redução de 0,9% no preço do suíno vivo na praça de Chapecó. O valor atual está 30,0% acima daquele observado em outubro de 2020.

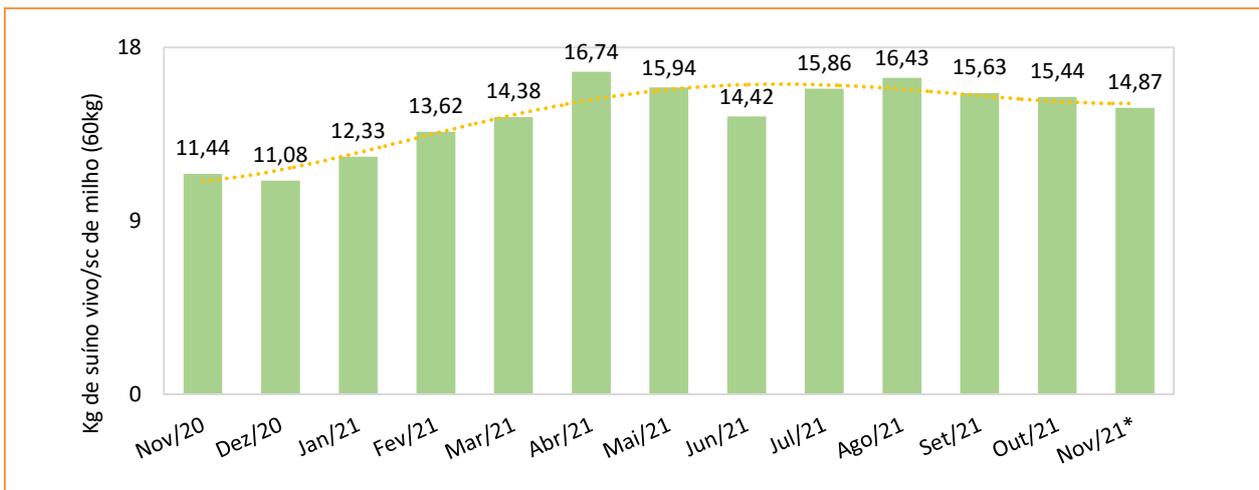


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

(*)O valor de novembro é preliminar, relativo ao período de 1 a 17/nov./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Em novembro de 2020, o suinocultor precisava de 11,4kg de suíno vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho, enquanto em novembro deste ano são necessários 14,9kg para adquirir o mesmo produto.

Comércio exterior

Em outubro, o Brasil exportou **97,42 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), queda de **12,0%** em relação ao mês anterior, mas alta de **11,5%** na comparação com outubro de 2020. As receitas, por sua vez, foram de **US\$215,98 milhões**, montante **15,0%** abaixo do mês anterior, mas **8,9%** superior a outubro de 2020.



Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Pesquisadores do Cepea atribuem parte da queda nas exportações de outubro à crise logística mundial provocada pela escassez de contêineres, o que tem atrasado e limitado os envios brasileiros ao exterior.

De janeiro a outubro, o Brasil exportou **952,63 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$2,26 bilhões**, altas de **13,2%** e **21,2%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020.

Os cinco principais destinos das exportações brasileiras de carne suína neste ano foram China (54,1% do total), Hong Kong (12,5%), Chile (5,8%), Singapura (4,3%) e Vietnã (3,4%), responsáveis por 80,1% das receitas no período.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **51,38 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em outubro, queda de **11,0%** em relação ao mês anterior, mas alta de **10,7%** em relação a outubro de 2020. As receitas foram de **US\$117,09 milhões**, **-14,1%** em relação ao mês anterior e alta de **8,5%** na comparação com outubro de 2020.

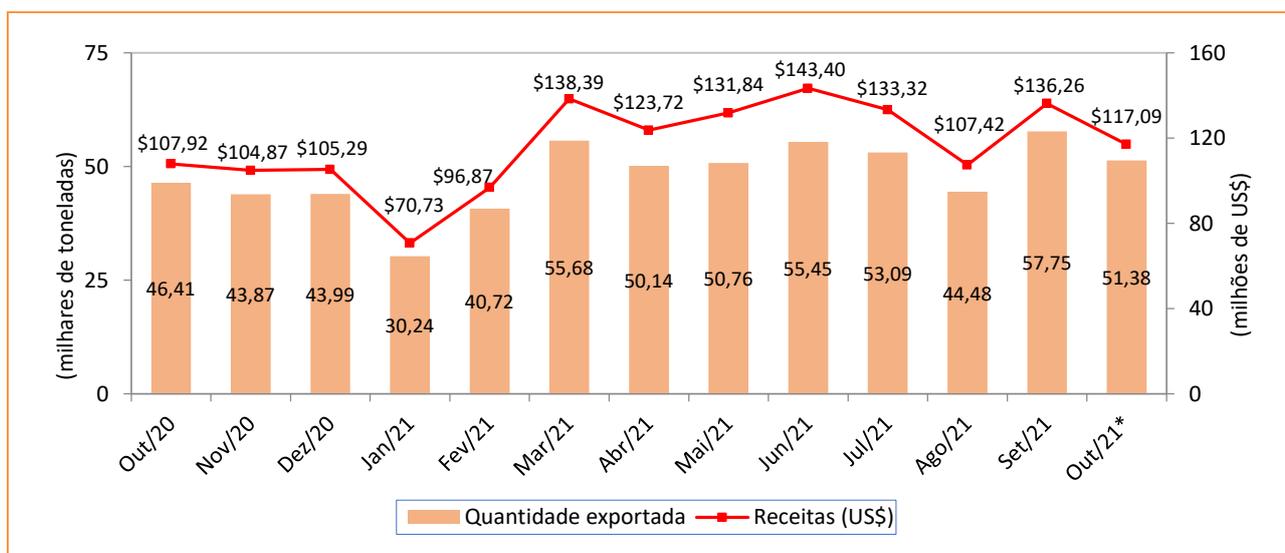


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em outubro foi de **US\$ 2.325/tonelada**, queda de **4,0%** em relação ao mês anterior e de **3,7%** quando comparado ao valor de outubro de 2020.

De janeiro a outubro, o estado exportou **489,69 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$1,20 bilhão**, altas de **12,4%** e **24,4%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020. Santa Catarina respondeu por **53,0%** das receitas e **51,4%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 86,2% das receitas de janeiro a outubro. China e Hong Kong responderam por 67,5%.

Tabela 1: Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a out. de 2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	731.073.390,00	295.135
Chile	131.573.054,00	52.337
Hong Kong	74.744.633,00	35.567
Filipinas	50.007.511,00	24.344
Japão	46.032.981,00	11.278
Demais países	165.615.888,00	71.031
Total	1.199.047.457,00	489.692

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da carne suína catarinense, seis apresentaram variações positivas nas receitas acumuladas neste ano em relação ao mesmo período de 2020, com destaque para China (21,2%), Chile (74,2%), Filipinas (524,1%) e Argentina (63,5%). Variações negativas foram registradas nos embarques para quatro destinos, com destaque para Hong Kong (-8,5%).

Segundo informações divulgadas pela Administração Geral de Alfândegas da China, as importações de carne em outubro caíram para o menor nível em 20 meses, à medida que o aumento da produção chinesa de carne suína e a queda nos preços do produto reduziram a demanda por suprimentos do exterior.

Produção

De acordo com os dados preliminares divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de julho a setembro registrou-se o abate de 13,70 milhões de suínos no Brasil, alta de 7,6% em relação ao mesmo período de 2020 e 5,1% acima do número de animais abatido no 2º trimestre de 2021.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias

No dia 11 de novembro, o IBGE divulgou os “primeiros resultados” da Pesquisa Trimestral do Leite, com a quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas do Brasil no terceiro trimestre de 2021. Esses novos números mostram que piorou o desempenho da produção leiteira nacional. Nos três meses do trimestre (julho, agosto e setembro), a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas foi significativamente menor que a dos mesmos meses de 2020. Isso já havia ocorrido em outros meses, mas não com a mesma intensidade. Com isso, a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas no período de janeiro a setembro ficou 1,4% menor que a do mesmo período de 2020 (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas						
Mês	Bilhão de litros					Varição (%)
	2017	2018	2019	2020	2021	2020-21
Janeiro	2,101	2,161	2,207	2,272	2,344	3,2
Fevereiro	1,833	1,890	1,933	2,066	2,046	-1,0
Março	1,928	1,968	2,055	2,109	2,173	3,0
Abril	1,812	1,873	1,911	1,969	1,940	-1,5
Mai	1,907	1,734	1,975	1,957	1,954	-0,2
Junho	1,929	1,872	1,974	1,949	1,922	-1,4
Julho	2,058	2,036	2,075	2,143	2,029	-5,3
Agosto	2,118	2,120	2,128	2,199	2,079	-5,5
Setembro	2,103	2,100	2,081	2,174	2,078	-4,4
Até setembro	17,789	17,754	18,339	18,838	18,565	-1,4
Outubro	2,141	2,222	2,203	2,236		
Novembro	2,154	2,210	2,186	2,224		
Dezembro	2,250	2,271	2,283	2,343		
Total anual	24,334	24,457	25,011	25,641		

2020 e 2021: Dados preliminares (3º trimestre 2021: primeiros resultados).

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Em dezembro, o IBGE divulgará essa mesma pesquisa com os dados das unidades da federação, quando possivelmente serão revistos alguns números desses primeiros resultados mensais de âmbito nacional. É provável, contudo, que essa revisão seja pouco significativa e não altere esse quadro de desempenho sofrível na produção leiteira nacional de 2021, que se explica pela combinação de pressão de custos de produção para indústrias lácteas e produtores de leite com a redução da demanda de lácteos no mercado interno.

Balança comercial

Em todos os meses do segundo semestre de 2021, as importações brasileiras de lácteos têm sido bem menores que as dos mesmos meses de 2020. Em outubro, o decréscimo foi de 45,3%. As exportações, por sua vez, que desde março vinham apresentando desempenho superior ao dos mesmos meses de 2020, em outubro decresceram 21,6% em relação a outubro de 2020. De qualquer maneira, no acumulado até outubro, as importações são 9,6% menores e as exportações 23% maiores que no mesmo período de 2020 (Tabela 2).

Tabela 2. Balança comercial brasileira de lácteos

Mês	Milhão de quilo								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2020	2021	Var. %	2020	2021	Var. %	2020	2021	Var. %
Janeiro	10,6	17,8	68,4	2,9	2,4	-17,3	-7,7	-15,5	100,2
Fevereiro	8,8	15,1	72,0	1,8	1,8	-1,0	-7,0	-13,4	90,6
Março	9,4	14,4	52,9	2,5	2,8	8,8	-6,8	-11,6	69,3
Abril	6,0	7,3	22,0	1,8	4,3	135,7	-4,2	-3,0	-27,3
Maiο	7,5	8,3	9,9	2,3	3,3	39,2	-5,2	-5,0	-3,4
Junho	8,4	8,8	5,0	2,2	4,0	85,1	-6,3	-4,9	-22,6
Julho	12,6	9,6	-23,5	2,7	3,5	31,9	-9,9	-6,1	-38,4
Agosto	18,0	10,0	-44,1	2,7	3,0	10,4	-15,3	-7,0	-53,9
Setembro	22,8	10,6	-53,7	2,4	2,5	1,4	-20,4	-8,1	-60,3
Outubro	22,1	12,1	-45,3	2,7	2,1	-21,6	-19,5	-10,0	-48,6
Até outubro	126,2	114,1	-9,6	24,0	29,5	23,0	-102,3	-84,6	-17,3
Novembro	22,9			2,5			-20,4		
Dezembro	22,4			2,5			-19,9		
Total	171,6			29,0			-142,6		

Fonte: Ministério da Economia - Comex Stat

Preços

Na reunião de outubro (dia 28), o Conselite/SC definiu o preço de referência final para o mês de setembro e projetou o preço de outubro. A queda de 0,0647 centavos no valor projetado para outubro (R\$1,7265/l), em relação ao valor final de setembro (R\$1,7912/l), mostra que no transcorrer de outubro houve queda nos preços de vários lácteos no mercado atacadista. Como o mercado de lácteos segue ruim, é provável que o preço final de outubro e o preço projetado para novembro, a serem definidos na próxima reunião do Conselite/SC (dia 26/11), fiquem abaixo desse valor projetado (Tabela 3).

Tabela 3. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conselite/SC

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Variação (%)	
	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	1,1659	1,2273	1,6020	5,3	30,5
Fevereiro	1,2309	1,2342	1,5218	0,3	23,3
Março	1,1957	1,2974	1,5699	8,5	21,0
Abril	1,2185	1,3192	1,5820	8,3	19,9
Maiο	1,2535	1,3091	1,6994	4,4	29,8
Junho	1,2036	1,5176	1,8025	26,1	18,8
Julho	1,1560	1,5588	1,7676	34,8	13,4
Agosto	1,1918	1,7288	1,7950	45,1	3,8
Setembro	1,1767	1,7994	1,7912	52,9	-0,5
Outubro	1,1516	1,7075	1,7265	48,3	1,1
Novembro	1,1779	1,6703		41,8	
Dezembro	1,2227	1,7121		40,0	
Média anual	1,1954	1,5068		26,1	

Outubro/2021: valor projetado.

Fonte: Conselite/SC.

Os levantamentos da Epagri/Cepa, que referenciam o cálculo do preço médio recebido pelos produtores catarinenses no mês de novembro, ainda não estão finalizados em todas as regiões. Os dados provisórios indicam que o preço médio do mês poderá ficar 18 centavos abaixo do preço médio de outubro (Tabela 4).

Tabela 4. Leite: Santa Catarina - preço médio⁽¹⁾ aos produtores

Mês	R\$/l posto na propriedade				Variação (%)	
	2018	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	0,94	1,09	1,22	1,94	11,9	59,0
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	1,78	7,7	41,3
Março	0,96	1,25	1,29	1,71	3,2	32,6
Abril	1,01	1,27	1,28	1,76	0,8	37,5
Maiο	1,09	1,32	1,19	1,84	-9,8	54,6
Junho	1,14	1,32	1,31	1,99	-0,8	51,9
Julho	1,30	1,23	1,50	2,15	22,0	43,3
Agosto	1,35	1,19	1,66	2,17	39,5	30,7
Setembro	1,31	1,21	1,87	2,17	54,5	16,0
Outubro	1,28	1,21	1,95	2,12	61,2	8,7
Novembro	1,24	1,19	1,92	1,94	61,3	1,0
Dezembro	1,11	1,18	1,97		66,9	
Média anual	1,14	1,22	1,54		25,9	

⁽¹⁾ Preço médio mais comum das principais regiões produtoras.

Novembro/2021: média provisória.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas atuais condições de demanda interna, não chega a surpreender que os preços dos lácteos e os preços recebidos pelos produtores estejam em baixa. Isso, combinado com a persistente pressão de custos sobre o setor, deve seguir comprometendo o desempenho da produção nacional. Nesse momento, eventuais mudanças na situação de mercado só devem acontecer com redução ainda mais importante da oferta interna. Pelo lado da demanda, não há razões para esperar melhora em relação à situação atual.